



**FACULDADE ANTONIO MENEGHETTI
CURSO DE BACHARELADO EM ONTOPSICOLOGIA**

VALENTINA NEIS CARAFFA

**CRIATIVIDADE, INTUIÇÃO E INOVAÇÃO: A INTELIGÊNCIA HUMANA COMO
MOTOR DOS ECOSSISTEMAS DE INOVAÇÃO**

**Recanto Maestro
2025**

VALENTINA NEIS CARAFFA

**CRIATIVIDADE, INTUIÇÃO E INOVAÇÃO: A INTELIGÊNCIA HUMANA COMO
MOTOR DOS ECOSISTEMAS DE INOVAÇÃO**

Artigo apresentado como requisito parcial para
obtenção do título de Bacharel em Ontopsicologia
Curso de Graduação em bacharelado em
Ontopsicologia Faculdade Antonio Meneghetti -
AMF.

Orientador(a): Prof.(a). Dra. Rafaela Dutra Tagliapietra.

Recanto Maestro
2025

CRIATIVIDADE, INTUIÇÃO E INOVAÇÃO: A INTELIGÊNCIA HUMANA COMO MOTOR DOS ECOSISTEMAS DE INOVAÇÃO

Valentina Neis Caraffa*
Rafaela Dutra Tagliapietra**

RESUMO: O presente trabalho busca investigar os modelos de ecossistemas de inovação presentes no mundo, compreendendo suas bases e metodologias e como se relacionam com instituições de ensino superior. O problema de pesquisa indaga como instituições de ensino fortes criam ecossistemas de inovação fortes? De modo em que o objetivo geral é analisar como a força institucional contribui para o desenvolvimento de ecossistemas de inovação, destacando o diferencial do InovAMF enquanto proposta fundamentada na formação humanista. A pesquisa se utiliza do método qualitativo, sendo um estudo teórico qualitativo, de natureza exploratória e descritiva, com análise bibliográfica e documental (relatórios institucionais, sites oficiais e publicações científicas) e os resultados são apresentados em categorias predefinidas a partir do referencial teórico. O principal resultado encontrado indica que, no caso do InovAMF, diferentemente do modelo observado na ACATE, a ênfase recai sobre a mentalidade empreendedora e liderística dos participantes. Essa orientação não se limita a preparar para o mercado, mas é entendida como condição fundamental para que os avanços tecnológicos sejam conduzidos em bases humanistas, articulando inovação às necessidades sociais e ao desenvolvimento integral das pessoas.

Palavras-chave: ecossistemas de inovação; criatividade; formação humanista; Ontopsicologia; Metodologia FOIL.

ABSTRACT: The present work seeks to investigate the models of innovation ecosystems present in the world, understanding their bases and methodologies and how they relate to educational institutions. The research problem asks how strong educational institutions create strong innovation ecosystems? In such a way that the general objective is to analyze how institutional strength contributes to the development of innovation ecosystems, highlighting the differential of InovAMF as a proposal based on humanistic education. And as specific objectives, it intends to contextualize the historical and operational foundations of these ecosystems, study how these ecosystems influence regionally, present the FOIL methodology as integral human formation, understand in the light of Ontopsychology what creativity and innovation are, analyze the ACATE model and present the distinct characteristics of InovAMF even as an embryonic ecosystem. The research uses the qualitative, exploratory-descriptive method, with bibliographic and documentary analysis (institutional reports, official websites, and scientific publications) and the results are presented in predefined categories from the theoretical framework. The main result found indicates that, in the case of InovAMF, differently from the model observed in ACATE, the emphasis falls on the entrepreneurial and leadership mindset of the participants. This orientation is not limited to preparing for the market, but is understood as a fundamental condition so that technological advances are conducted on humanistic bases, articulating innovation to social needs and to the integral development of people.

* Aluna Valentina Neis Caraffa. Bacharel em Direito pela Faculdade Antonio Meneghetti e aluna do Bacharelado em Ontopsicologia da mesma instituição, valentinacaraffa99@gmail.com.

** Professora orientadora Rafaela Dutra Tagliapietra. Mestre em Administração pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), professora dos cursos de Graduação e Pós-graduação da Antonio Meneghetti Faculdade (AMF) e Gestora do InovAMF, Humanismo, Negócios e Tecnologia, rafaela.tagliapietra@amf.edu.br.

Keywords: innovation ecosystems; creativity; humanistic education; Ontopsichology; FOIL Methodology.

1 INTRODUÇÃO

Nos últimos dez anos, as instituições de ensino superior como resultado do avanço dos estudos científicos, passaram a fomentar cada vez mais a prática profissional em consonância com a teoria, fundando os centros de inovação tecnológica, que integram o desenvolvimento de pesquisa, consultorias, fundação e desenvolvimento de *startup* e novos negócios em um mesmo ecossistema. Esses ambientes, quando fortalecidos, tornam-se elementos estratégicos para o desenvolvimento regional, uma vez que promovem um grande impacto social e cultural nas comunidades onde estão inseridos.

Nesse processo, as instituições de ensino exercem função estratégica, uma vez que produzem conhecimento científico, formam profissionais e se conectam com os demais atores do ecossistema. Assim, investigar como instituições de ensino fortes contribuem para a criação de ecossistemas de inovação igualmente fortes é fundamental para compreender os mecanismos que sustentam o desenvolvimento regional.

Este estudo se delimita a investigar centros de inovação tecnológica do sul do Brasil, destacando-se a Associação Catarinense de Tecnologia - ACATE, localizado em Florianópolis/SC, reconhecido por seus longos anos de atuação e crescimento, de suas práticas e pelo vínculo com instituições de ensino. Em contraponto, apresenta-se o InovAMF, ainda em consolidação, com uma proposta de atuação fundamentada na formação humanistas. A partir desse cenário, apresenta-se o problema da pesquisa: como instituições de ensino fortes criam ecossistemas de inovação fortes?

Apresenta-se como objetivo geral analisar como a instituição de ensino pode contribuir para o desenvolvimento de ecossistemas de inovação, destacando o diferencial do InovAMF enquanto proposta fundamentada na formação humanista. E como objetivos específicos, pretende-se contextualizar os fundamentos históricos e operacionais desses ecossistemas, estudar como esses ecossistemas influenciam regionalmente, apresentar a metodologia FOIL como formação humana integral, compreender à luz da Ontopsichologia o que é criatividade e inovação a partir dos 7 pontos do empreendedor, analisar o modelo da ACATE e apresentar as características distintas do InovAMF.

Do ponto de vista científico, este trabalho se justifica pelo avanço acelerado da ciência e da tecnologia, intensificado pela chegada da inteligência artificial, que amplia as possibilidades de transformação econômica e social. Nesse cenário, os centros de inovação

tecnológica têm se consolidado como espaços estratégicos nesse processo, impulsionando o empreendedorismo, a pesquisa e a transferência de conhecimento, além de articular universidades, empresas, governo e sociedade civil em torno da geração de soluções aplicadas. No Sul do Brasil, observa-se a consolidação de polos que se destacam pela maturidade de suas práticas e pelo impacto na formação de profissionais inovadores, o que reforça a importância de sua análise. Assim, a pesquisa pretende demonstrar que a força das instituições de ensino é elemento essencial para a criação de ecossistemas de inovação capazes de promover simultaneamente avanços tecnológicos, desenvolvimento econômico e transformação social.

A motivação inicial para o desenvolvimento desta pesquisa surge da vontade direta da autora em trabalhar com jovens em processos formativos, educacionais e empreendedores. Por acompanhar os jovens ingressantes na faculdade, surge o interesse em estudar como ocorre o processo de amadurecimento e desenvolvimento dos jovens empresários e o quanto o papel da instituição de ensino em que estão inseridos e o programa de incubação influencia nas suas trajetórias.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 FUNDAMENTOS HISTÓRICOS E OPERACIONAIS DOS ECOSSISTEMAS DE INOVAÇÃO TECNOLÓGICA

O conceito de ecossistema de inovação nasce como resultado das transformações históricas que marcaram o mundo desde o final do século XIX, isto é, a partir da Segunda Revolução Industrial há um aumento significativo da relevância da ciência e da tecnologia no processo produtivo. Entretanto, apenas na segunda metade do século XX começou uma consolidação dos novos modelos de interação entre conhecimento científico, inovação tecnológica e desenvolvimento econômico. Esses novos modelos começaram a identificar e reconhecer que o processo inovativo não ocorre de forma isolada, mas ele só pode existir ao estar ambientado com alguns pilares de base.

Ao contrário da lógica de produção linear, a qual se baseava em pesquisa → desenvolvimento → mercado, a partir dos anos de 1970 com o rápido crescimento de grandes polos tecnológicos a exemplo do Vale do Silício, nos Estados Unidos, trouxe-se à tona uma nova lógica produtiva. De acordo com Marques (2014)

Após a Segunda Guerra Mundial, com a criação do Parque Industrial da Universidade de Stanford em 1951, diversas empresas incubadas ali se tornaram referência na área de tecnologia de ponta. Assim como no caso de Stanford, as indústrias locais têm

estabelecido intensa interação com outras instituições de ensino e de pesquisa da região (Marques, 2014, p. 172).

Esses novos ambientes funcionavam de forma integrada e circular, permitindo mais espaço para feedbacks, reavaliação do que já havia sido construído, promovendo melhorias e, sobretudo, ciclos constantes de inovação. Nesse contexto, emerge o conceito de ecossistemas de inovação, que são “estruturas dinâmicas de interação entre agentes de um ambiente que buscam favorecer a emergência de novas técnicas e ideias em um determinado segmento de mercado, sob o escopo de dada delimitação geográfica” (Ganzert; Martinelli, 2009, p. 149).

Um ecossistema de inovação é um ambiente formado por várias instituições que interagem e colaboram para fomentar a criação, aplicação e disseminação de novos conhecimentos, produtos, serviços e inovações. Conforme Miri e Macke (p. 1011, 2024) “representa uma série de atores que possuem parcerias e envolvimento para disseminar conhecimento e tecnologia”. Isto é, trata-se de um sistema que abrange universidades, centros de pesquisa, startups, grandes empresas, incubadoras, aceleradoras, investidores e entidades governamentais, com foco na ligação entre esses agentes específicos, conforme Pinto e Reinaldo (2023),

Os sistemas de inovação e as relações entre seus agentes específicos influenciam os processos de aprendizagem tecnológica e o desenvolvimento de suas capacidades, bem como a região ou localidade onde os sistemas estão inseridos, em decorrência das interações com outras redes seja de empresas, universidades, clientes, fornecedores e outros agentes que influenciam o processo de inovação, promovendo a inovação social ou ecossistemas inovação social (Pinto; Reinaldo, 2023, p. 585).

Esse modelo se tornou proeminente nas áreas de políticas públicas e gestão do conhecimento e inovação, especialmente após a criação da hélice tríplice, proposta por Etzkowitz e Leydesdorf. Essa hélice é baseada na interação entre três agentes específicos: universidade, indústria e governo. Conforme Etzkowitz e Zhou (2017, p. 25), a hélice tripla é um “modelo universal de inovação que é um processo em desenvolvimento contínuo; sua meta é criar um ecossistema para inovação e empreendedorismo”, que por meio dos “três atores primários certos [...] forma os atores coadjuvantes, por meio de interações universidade-indústria-governo, dependendo das necessidades de cada região” (Etzkowitz; Zhou, 2017, p. 43).

“O objetivo desta extensão é incluir o público bem como a sociedade civil como um quarto subsistema” (Barth; Campbell; Carayannis; Garcia, 2022, p. 98), ou seja, “o modelo estendido para a Hélice Quádrupla adiciona as perspectivas de mídia e cultura, bem como o da

sociedade civil. [...] associa a mídia às indústrias criativas, cultura, valores estilos de vida, arte e classe criativa” (Brito; Castro; Mineiro, Souza, Vieira, 2018, p. 81).

Ainda, por inclusão dos autores Carayannis e Campbell, em 2010, foi incorporada uma nova hélice ao modelo anteriormente criado, levando ao sistema da hélice quádrupla, que inclui a sustentabilidade e o meio ambiente como agentes. Esse novo sistema tem como interesse e objetivo “incluir o ambiente natural como um novo subsistema para modelos de conhecimento e inovação, de modo a que a ‘natureza’ se estabeleça como um componente central e equivalente da e para a produção de conhecimento e inovação” (Barth; Campbell; Carayannis; Garcia, 2022, p. 99).

Com esses avanços, os ecossistemas de inovação evoluíram de simples espaços comuns para arranjos sociotécnicos, onde o valor é gerado coletivamente por meio do conhecimento compartilhado, sustentado por relações institucionais consolidadas e uma cultura empreendedora. Três ecossistemas com abordagens diferentes, porém complementares, se destacam entre os principais e pioneiros: o Vale do Silício nos EUA, o modelo inglês e o modelo israelense. Esses ecossistemas também serviram como exemplos internacionais para a criação de novos centros em várias partes do mundo.

O Vale do Silício, localizado na Califórnia (EUA), é o mais conhecido ecossistema de inovação global. No final da década de 1970, em um período de pós-Segunda Guerra Mundial, com um investimento do governo americano em pesquisa e desenvolvimento tecnológico e a forte presença de universidades como Stanford e Berkley foi decisiva para a emergência de um ambiente acadêmico de alta qualificação. A partir disso, com o surgimento de startups e empresas de base tecnológica, o Vale do Silício foi se consolidando com uma cultura de empreendedorismo de alto risco e muito apoiado por fundos de capitais, mas sempre com uma rede de grandes mentores. Assim, o Vale do Silício possui um modelo de

“uma cultura empresarial altamente competitiva, formada por profissionais altamente qualificados e propensos ao risco, encontra, assim, as condições ideais de buscar elevados ganhos em um ambiente caracterizado por fácil e rápido acesso à informação em universidades, além da ampla disponibilidade de capital para investimentos. [...] O empreendedorismo existente na região é, portanto, um processo movido pela busca de oportunidades a nível global, apoiado em uma cultura de alinhamento de interesses, de colaboração e de formação de redes de contato” (Dullius, 2016, p. 26-27).

Um segundo exemplo a ser trazido é o ecossistema inglês, o Silicon Fen, que se consolidou como um dos mais competitivos e dinâmicos do mundo, frequentemente posicionado entre os mais relevantes globalmente, ficando atrás apenas do Vale do Silício e de Nova York ao medir performance, fundos, talentos e experiências, alcance de mercado,

conhecimento e al-native conforme o Global Startup Ecosystem Report 2025 (Startup Genome, 2025).

Entre os elementos estruturantes do ecossistema londrino, destacam-se: a forte presença de universidades de excelência, como a Imperial College London e a University College London (London Higher, 2024), formando profissionais altamente qualificados e incentivados à pesquisa; a existência de grandes hubs tecnológicos, que concentram as empresas e fomentam e aceleram as inovações; uma robusta rede de investidores e fundos de venture capital não apenas com atuação local, mas global; uma grande diversidade cultural, visto ser um centro de negócios; e as fortes políticas públicas voltadas à inovação. Conforme afirma Ferreira (2022, p. 96),

os principais fatores que facilitam a criação de startups no local e, como resultado, fomentam a inovação, são as baixas barreiras administrativas especialmente para a abertura de startups, o apoio governamental para a economia, o acesso a talentos por meio de universidades reconhecidas mundialmente, a existência de uma grande quantidade de investidores e a diversidade cultural e social.

Trazendo um outro modelo de ecossistema de inovação, apresenta-se o de Israel, chamado também de “Startup Nation”, devido à sua capacidade de escalar as empresas da área da tecnologia em um ritmo acima dos demais (Toranzo, 2022). Apesar de seu território reduzido, o país desenvolveu elevados índices de inovação em áreas como cibersegurança, agritech, biotecnologia e tecnologias de defesa. “O ecossistema de inovação de Israel possui forte infraestrutura científica e educacional, estrutura competitiva da economia, instituições econômicas e empreendedorismo, cultura de apoio e diversidade de recursos humanos” (Matos; Piqué; Souza; Teixeira, 2020, p. 23).

Nesse contexto, Matos destaca que

O ecossistema de inovação israelense se baseia em alguns fatores culturais e institucionais únicos: forte infraestrutura científica e educacional (relacionada a programas governamentais, universidades de pesquisa com financiamento público e cooperação do setor público-privado), possui uma estrutura competitiva na economia (grandes empresas e domínio de cerca de 20 famílias em negócios), instituições econômicas fortes (apoio do governo à P&D militar e outras aplicações comerciais) e empreendedorismo (habilidades sendo ensinadas desde cedo), “pensamento fora da caixa”, cultura de capacitação e diversidade de recursos humanos. As três últimas âncoras são particularmente exclusivas da cultura israelense e do ecossistema de inovação no contexto internacional (Matos, p. 83, 2022).

Embora cada modelo apresentado, Vale do Silício, Londres e Israel, tenha suas próprias características estruturais, culturais e institucionais, todos eles compartilham três premissas

essenciais que fundamentam o trabalho realizado globalmente: tecnologia, pesquisa e inovação. A tecnologia não se limita a ser um produto final, mas também atua como um meio estratégico para o desenvolvimento de soluções e criação de novas oportunidades. A pesquisa, realizada em universidades e centros especializados, fortalece a colaboração com os setores produtivos, garantindo a geração e a rápida aplicação do conhecimento. Além disso, a inovação, vista como a habilidade de transformar ideias em soluções práticas, é o elemento que conecta e potencializa os outros dois pilares. A partir dessa compreensão, torna-se necessário compreender como os ecossistemas de inovação ultrapassam a dimensão estritamente econômica e passam a desempenhar uma função regional e social, estruturadas nos pilares da pesquisa, tecnologia e inovação.

2.1.1 Relevância social e regional dos ecossistemas de inovação

Os ecossistemas de inovação são estruturas que precisam ser consideradas além de sua dimensão econômica, pois têm um papel significativo social e regionalmente, indo além da criação e desenvolvimento de produtos e funcionando como agentes de mudança social e cultural. Isso acontece porque esses ecossistemas se organizam em torno de três pilares essenciais: tecnologia, pesquisa e inovação. Quando esses pilares são trabalhados em conjunto, eles geram impactos significativos tanto na estrutura social da região em que estão inseridos quanto na competitividade territorial. Isso ocorre porque uma área que antes era negligenciada passa a ser reconhecida pelo que é produzida e pelos efeitos que gera. Nesse sentido, Matos, Teixeira e Piqué (2018) destacam que um ecossistema regional de inovação (ERI) é entendido como aquele em que ocorre a interação de diversos atores capazes de transformar cidades e regiões em um *locus* de empreendedorismo inovador.

Nos ecossistemas de inovação, a pesquisa se baseia principalmente na colaboração direta com as universidades, que são centros geradores de conhecimento e atuam como intermediárias entre a ciência e a sociedade. É por meio dessas universidades que se torna viável reconhecer e organizar as necessidades sociais e regionais, convertendo-as em temas para pesquisa científica. Conforme destacado por Schaeffer, Guerrero e Fischer (2021) as universidades não apenas se encarregam de disseminar o conhecimento, mas também servem como as principais intermediárias no processo de comercialização das ciências e tecnologias, que são desenvolvidas por meio de suas atividades de pesquisa.

Voltar-se a escutar, de modo ativo e qualificado, as necessidades da comunidade possibilita o direcionamento de esforços de pesquisa aplicada, ao serem desenvolvidas junto aos ecossistemas de inovação, resultando em produtor, serviços e projetos capazes de responder

de modo prático e eficaz às realidades locais. Nesse processo, conforme destacado por Cassiolato e Lastres (2017) as universidades, ao gerarem conhecimento, podem fomentar a competitividade das empresas e colaborar para o desenvolvimento econômico regional de forma sustentável. Isto é, ao mesmo tempo em que a pesquisa qualifica profissionais e fortalece a base científica das instituições, gera impactos concretos na vida das pessoas da comunidade local em que o ecossistema de inovação está inserido, consolidando o seu papel enquanto instrumento de desenvolvimento integrado entre universidade, território e comunidade.

O pilar da tecnologia nos ecossistemas de inovação está intimamente ligado à habilidade de converter o conhecimento científico em soluções que atendam às necessidades sociais e regionais. As universidades, como centros de formação e produção de conhecimento, exercem um papel crucial nesse processo ao organizar as necessidades identificadas na região e direcioná-las para o desenvolvimento de tecnologias que possam atender a essas demandas. Sua disseminação vai além dos resultados de mercado, atingindo uma relevante esfera social ao incentivar a criação de novos projetos públicos voltados para o desenvolvimento humano, com ênfase em serviços fundamentais como saúde, educação, segurança e mobilidade (Correia; Gomes; Oliveira, 2018).

Assim, a tecnologia não se limita apenas à criação de instrumentos de mercado, mas atua como um meio de integração regional, expandindo, o acesso a serviços essenciais e fortalecendo a infraestrutura social. Destaca-se que “as intervenções nos ecossistemas de inovação – motores – têm maior probabilidade de sucesso quando levam em consideração o estado atual de um dado ecossistema regional (em termos de capacidades latentes, gargalos existentes e restrições econômicas e institucionais)” (Guzman; Murray; Stern; Williams, 2023, p. 2, tradução própria). A melhoria da qualidade de vida das comunidades locais, que agora têm acesso a soluções tecnológicas adaptadas às suas realidades e necessidades específicas, é uma consequência direta.

Por outro lado, a inovação é o pilar que une pesquisa e tecnologia, convertendo o conhecimento acumulado em soluções práticas e aplicáveis. Sua importância social e regional reside no fato de que não só cria novos modelos produtivos, mas também propõe constantemente novas formas de organização do trabalho, capacitação dos profissionais e, além disso, promove práticas mais sustentáveis. Conforme Frogeri, Portugal e Silva (2022, p. 45) os hubs de inovação surgem e possuem um papel de facilitadores para a solução das demandas locais por meio da introdução da inovação naquelas empresas que fazem parte do *hub* daquela região, fazendo com que o foco seja um crescimento econômico que contribuí diretamente para o desenvolvimento regional.

A interconexão desses três pilares permite que os ecossistemas de inovação não apenas criem novidades em diversos campos, mas também atuem como um meio para o desenvolvimento sustentável das regiões onde estão localizados. Segundo a “Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OECD) a criação desses centros é essencial para promover o desenvolvimento econômico e social, ao integrar tecnologia, conhecimento e recursos humanos de maneira a gerar crescimento sustentável”, destaca Coêlho (2024, p. 14), isto é, quando há um trabalho conjunto de cooperação entre setor público, privado e acadêmico, há uma potencialização dos ecossistemas de inovação.

Além disso, é importante destacar que os benefícios não se limitam apenas ao aspecto econômico ou regional, mas abrangem toda a comunidade que vive nessas áreas. Na perspectiva das comunidades, os ecossistemas favorecem a integração entre diversos setores sociais, incentivam práticas de inovação social e reforçam o capital humano, ao converter conhecimento em benefícios diretos para a qualidade de vida das pessoas. Isto é, “esses centros demonstraram que a combinação estratégica de infraestrutura, conhecimento e recursos pode mudar os ecossistemas locais, permitindo o crescimento de novas empresas e a criação de empregos qualificados” (Coêlho, 2024, p. 9). Dessa forma, esses ecossistemas atuam como agentes de transformação local, uma vez que contribuem para o desenvolvimento educacional, econômico e social da região.

2.2 A FORMAÇÃO HUMANA COMO PILAR PARA UMA INSTITUIÇÃO DE ENSINO

Ao examinar a forma como a educação acontece hoje em dia, percebe-se que a maioria das instituições ainda preserva os modelos escolares criados há mais de um século. Essa persistência histórica destaca a rigidez do modelo escolar, em contraste com as mudanças sociais, culturais e tecnológicas experimentadas nas últimas décadas. Nesse sentido, Marino (p. 21, 2018) destaca que “a origem destes conflitos reside nas antiquadas normas e procedimentos disciplinares e na incompatibilidade dos mesmos em relação aos jovens do século XXI”.

Nesse contexto, as instituições de ensino, tanto no nível básico quanto no superior, continuam atreladas a uma abordagem focada na transmissão exclusiva de conteúdos técnicos, ou seja, as *hard skills*. Todavia, conforme destacado por Schaffer, Silva e Wazlawick (2022, p. 44) “propostas mais recentes e inovadoras de educação têm dado importância ao desenvolvimento, junto com as *hard skills*, das chamadas *soft skills*, ou competências humanas, competências comportamentais, competências interrelacionais ou ainda socioemocionais”.

O papel da instituição educacional, neste contexto, é aquele de promover um espaço de formação integral, trabalhando a parte técnica, as *hard skills*, mas intensificando e ampliando o

desenvolvimento das *soft skills* (Hoffmam, 2021a, 2021b apud Schaefer, Silva e Wazlawick, 2022), uma vez que profissionais com essas duas dimensões desenvolvidas “melhoram as relações interpessoais, facilitando a comunicação, liderança, resolução de conflitos” (Gritti; Neto; Silva; 2020, p. 833).

Uma formação de caráter verdadeiramente humano deve reconhecer que cada aluno é portador de uma identidade, ou seja, possui uma forma específica que o distingue de qualquer outro (Meneghetti, 2021b, p. 138). Assim, a formação deve se centrar na promoção da individualidade de cada aluno para o seu desenvolvimento integral enquanto pessoa, “do latim *per se esse* = ser por si, ser para si” (Meneghetti, 2021b, p. 219).

Nesse modelo, a pessoa é capacitada não só para atender às necessidades imediatas do mercado de trabalho, mas também para se tornar protagonista de sua própria história. A relevância desse processo de desenvolvimento humano torna-se ainda mais clara quando a pessoa entra no mercado de trabalho. Com essa experiência, é possível entender que sua atuação profissional vai além de simplesmente cumprir funções; ela é vista como uma oportunidade de contribuir para o desenvolvimento da empresa e, acima de tudo, como um espaço para construir sua identidade, exercitar sua criatividade e realizar seu próprio projeto de vida.

Como resultado, ao executar o trabalho, o indivíduo amplia sua contribuição para a organização, promovendo inovação e produtividade. Por outro lado, a prosperidade da instituição tem um impacto no meio social, tanto por meio da criação de empregos quanto da geração de riqueza e promoção da cultura. Dessa forma, cria-se um ciclo em que a formação humana gera benefícios que vão além da experiência individual: ao passo que enriquece o indivíduo, fortalece a organização e impulsiona o progresso da comunidade. Nesse contexto, a educação centrada na valorização do ser humano não é apenas um projeto pedagógico, mas também um pilar estratégico para a construção de ecossistemas de inovação, pois as instituições de ensino representam sua fundação estrutural. Os processos de formação integral que articulam ciência, tecnologia e sociedade têm origem na universidade, gerando benefícios que vão além da sala de aula e se estendem à comunidade e à região.

2.2.1 Os 5 pilares da Antonio Meneghetti Faculdade

A Antonio Meneghetti Faculdade (AMF) é uma instituição de ensino superior localizada no Distrito Centro Internacional de Arte e Cultura Humanista Recanto Maestro, em Restinga Sêca, Rio Grande do Sul. Credenciada pelo Ministério da Educação em dezembro de 2007, consolida-se como referência no cenário acadêmico brasileiro. Desde sua origem, a AMF tem como missão a “formação de uma nova inteligência empreendedora, individuada, reforçada e

focalizada na ação prática do sucesso, humanamente superior e socialmente correta” (Antonio Meneghetti Faculdade, 2025). Sua visão é “ser um centro de referência em termos de formação e aperfeiçoamento de profissionais para atuação em todos os níveis do contexto social, institucional e empresarial” (Antonio Meneghetti Faculdade, 2025).

A AMF é uma faculdade que produz e cresce em base à sua motivação principal, a qual é “criar uma escola de formação superior onde os jovens que a frequentam sejam uma evidência de que o homem pode ter uma vida saudável, produtiva, realizada; jovens que [...] aprendem a fazer, a ser e saber, participando e colaborando com o mundo que pertencem” (Antonio Meneghetti Faculdade, 2025). Norteada por valores humanistas, segue o princípio interdisciplinar da Pedagogia Ontopsicológica, a qual conforme Meneghetti (2019) tem como escopo educar o sujeito para “fazer e saber a si mesmo: fazer uma pedagogia de si mesmo como pessoa líder no mundo, educar um Eu lógico-histórico com capacidade e condutas vencedoras” (Meneghetti, 2019, p. 14).

Para cumprir sua missão, a formação é orientada pela metodologia FOIL (Laboratório Humanista de Formação Liderística. Meneghetti, 2020, p. 14), de maneira interdisciplinar e transversal em todos seus cursos de graduação, pós-graduação, extensão e projetos de pesquisa. Ainda, o processo formativo da AMF é realizado por meio de 5 pilares de formação, que dão a base para uma formação humanista integral do protagonismo responsável. Os pilares são: estudo, trabalho, ciência, alta moralidade e internacionalidade (Schaefer, 2017, p. 17).

Figura 1 – Dimensões da formação integral dos jovens realizada no Recanto Maestro



Fonte: Schaefer (2017, p. 17).

O estudo constitui o primeiro e mais evidente pilar, uma vez que a AMF é uma instituição de ensino superior. Mais do que cumprir o requisito técnico de transmissão de conteúdos, o estudo é compreendido como prática cotidiana de abertura ao novo e de busca pela vanguarda do conhecimento. Trata-se de um valor primordial, que assegura ao aluno as bases para se tornar um protagonista capaz de enfrentar os desafios contemporâneos com preparo intelectual e espírito crítico (Faculdade Antonio Meneghetti, 2025).

O segundo pilar, o trabalho, é visto como um meio fundamental para a realização pessoal e social. Desde o primeiro semestre, os alunos são incentivados a participar de atividades empresariais, aplicando na prática o que aprendem em sala de aula. Essa experiência permite o desenvolvimento de habilidades, a prática do "saber fazer" e a assunção de responsabilidades, formando profissionais que não só conhecem a teoria, mas também têm experiência prática e habilidades de liderança. Assim, o trabalho não é considerado uma etapa que ocorre após a formação, mas sim um componente essencial do processo educacional. (Faculdade Antonio Meneghetti, 2025).

A Ciência Ontopsicológica serve como base para a ciência, o terceiro pilar, constituindo um fundamento interdisciplinar para a formação. De acordo com Schaefer (2017) a Ontopsicologia possibilita a construção de uma formação integral, na qual o jovem não apenas adquire conhecimentos técnicos e profissionais, mas também compreende sua própria identidade e potencialidade de natureza.

O quarto pilar, a alta moralidade, diz respeito à responsabilidade pessoal e à incorporação de um estilo de vida ético e operacional. Abrange práticas de organização, disciplina, atenção ao ambiente de estudo e trabalho, valorização da estética e da saúde física por meio de hábitos cotidianos. A formação da AMF, nesse aspecto, busca desenvolver nos estudantes a capacidade de expressar, em sua vida pessoal e profissional, uma postura de integridade e de coerência entre valores e ações. Esse cuidado consigo mesmo e com o meio onde vivem torna-se a base para o crescimento integral do indivíduo. Conforme Meneghetti (2019), a formação na AMF

busca desenvolver a organização, limpeza, disciplina, estética, contato com o meio ambiente e a prática de esportes. Incentiva, para isso, a limpeza e organização do próprio espaço que habita e trabalha; o melhor modo de se vestir, de comer, de preparar a própria comida; o início da vida profissional e acadêmica. A alta moralidade é a responsabilidade consigo mesmo, com um estilo de vida operacional, de crescimento, que é externada no espaço em que se trabalha e vive (Meneghetti, 2019, p. 52 e 53).

O quinto pilar é a internacionalidade, que expande os horizontes dos alunos ao proporcionar experiências culturais, acadêmicas e profissionais fora das fronteiras do país. Meneghetti (2010) afirma que é fundamental superar as limitações impostas pelos estereótipos culturais para que o indivíduo possa atuar em nível global. Essa perspectiva é reforçada em outras reflexões do autor: “quando vemos e contatamos com algo diferente dos nossos estereótipos de civilidade, podemos sair da nossa história para renascer na novidade daquele lugar” (Meneghetti, 2003, p. 42). Assim, a internacionalidade é vista como oportunidade de abertura, renovação e preparação para o diálogo com um mundo em constante mudança.

2.2.2 A FOIL como Laboratório Humanista de Formação Liderística

A formação humana integral, discutida no ponto anterior, encontra na metodologia FOIL uma concretização desse novo caminho. Por meio das disciplinas FOIL (Formação Ontopsicológica Interdisciplinar Liderística) e dos projetos de formação ontopsiológica desenvolvidos na Antonio Meneghetti Faculdade, dá-se um passo adiante neste processo, adicionando às *hard* e *soft skills*, as FOIL skills, isto é, as competências de si mesmo, na qual os professores e corpo técnico pedagógico busca, de modo individualizado, auxiliar cada aluno a identificar e desenvolver o seu potencial de natureza (Schaefer; Silva; Wazlawick, 2022, p. 44). Dessa forma, a FOIL não surge como uma adaptação de modelos já existentes, mas como uma resposta original às demandas contemporâneas por uma educação integral, que prepare o jovem não apenas para o mercado de trabalho, mas para assumir protagonismo em sua vida pessoal, social e profissional.

A FOIL “é uma sociedade que nasce em Milão no ano de 2001 para satisfazer as exigências formativas e de consultoria de empreendedores e aspirantes empreendedores, [...] na sua dimensão econômica, social e, sobretudo, inovadora de melhores funções” (Meneghetti, 2020, p. 14). Nasce com o intuito e passa a realizar atividades formativas de jovens profissionais, das mais diversas áreas, voltadas à uma formação empreendedora com base na Ciência Ontopsicológica. Concisamente, a Ontopsicologia estuda a lógica do homem real, sadio e responsável, com capacidade de atuação de bem-estar social. “Deste ponto de partida é possível levar adiante a intenção de formalizar uma estratégia orientada verso à formação e realização de personalidades criativas que possam dar uma contribuição à evolução do contexto social e civil” (Schaefer; Silva; Wazlawick, 2022, p. 44).

Conforme apresentado por Schaefer, Silva e Wazlawick (2022), a metodologia FOIL possui quatro dimensões aplicadas à formação universitária, as quais são: educação centrada no aluno; metodologias ativas de ensino e aprendizagem; perfil e função do professor; currículo

inovador. A dimensão da educação centrada ao aluno é voltada para o potencial de natureza (*o que e como* o aluno sabe fazer) e a competência competitiva (*por que* o aluno sabe e faz deste modo). (Schaefer; Silva; Wazlawick, 2022, p. 46). A identidade de natureza daquele aluno deve ser respeitada pois a partir da cultivação desse potencial, têm-se uma melhoria da sua eficiência e, principalmente, ele pode alcançar a sua realização.

A segunda dimensão, metodologias ativas de ensino e aprendizagem, parte da premissa de que se aprende por meio da prática, da ação, isto é, “primeiro se faz, depois se entende”, “isto porque o sujeito tem a possibilidade de realizar-se quando se auto oportuniza a prática operativa e encontra resultados que lhe gratifiquem” (Schaefer; Wazlawick, 2020, p. 9). Ainda, essa dimensão diz respeito à aprendizagem por meio de projetos interdisciplinares, pela resolução de problemas, pela passagem da ênfase no conteúdo à ênfase no processo de aprendizagem e os erros enquanto fontes de aprendizado, uma vez que “torna ainda mais específica a construção do aprendizado, visto que influencia [...] na formação de si mesmo. Ao buscarem vencer desafios, resolver problemas, realizar projetos, os alunos se lançam à ação, cometem erros, avaliam, reavaliam, transformam a si mesmos, e agem novamente” (Schaefer; Silva; Wazlawick, 2022, p. 46).

O perfil e a função do professor é a terceira dimensão, e tem como base a premissa de que “só ensina quem faz”, baseado em três pontos:, aquele professor que possui uma formação acadêmica e, portanto, um conhecimento técnico sobre determinado assunto mas sobretudo a experiência prática do dia a dia; demonstra uma maturidade enquanto profissional e enquanto pessoa, sendo reconhecido, requisitado e respeitado na sua área de atuação; possui alta eficiência de ganho econômico nas suas atividades profissionais (Schaefer; Silva; Wazlawick, 2022). Ainda, deve ensinar com personalidade, isto é, “quem ensina aquele conteúdo é alguém que tem relação pessoal com ele, de amor e, por isso, quando o ensina, transmite também esse gosto ao aluno” (Schaefer; Silva; Wazlawick, 2022, p. 48).

A quarta e última dimensão é voltada para um currículo inovador, que diz respeito às disciplinas que desenvolvem competências FOIL em todos os cursos e em todos os semestre. São de 8 a 10 disciplinas FOIL obrigatórias para todos os alunos ao longo dos 8 ou 10 semestres (a depender do curso), além da possibilidade de cursar 38 disciplinas optativas “com conteúdos de Ontopsicologia aplicada, que o estimulam e ajudam a progressivamente identificar e desenvolver o seu potencial de natureza” (Schaefer; Silva; Wazlawick, 2022, p. 50). Ainda conforme descrito pelos autores, o processo de *life long learning* (UNESCO, 1999) e as *trilhas de aprendizagem* (LEISTER et al, 2019; LOPES e LIMA, 2019) são colocadas em prática, uma vez que “o aluno vai escolhendo quais disciplinas servem ao longo da sua graduação, a partir

dos seus objetivos, demandas, necessidades e vontades” (Schaefer; Silva; Wazlawick, 2022, p. 51).

A aplicação dessas dimensões em conjunto, evidencia que a FOIL não se limita a propor técnicas pedagógicas isoladas, mas configura-se como uma metodologia completa de formação integral, uma vez que há progresso, novidade e avanço quando o potencial natural das pessoas é facilitado e evidenciado, em ambientes organizacionais, empresariais e sociais. Conforme destacado por Meneghetti (2011, p. 7), “em qualquer campo, obtém-se a melhoria da eficiência cultivando o potencial de cada indivíduo”.

O impacto desse modelo formativo ultrapassa o espaço acadêmico e se reflete no mundo do trabalho e na sociedade. Ao aprender a responsabilizar-se por si mesmo, o estudante se torna capaz de compreender o trabalho como um espaço de realização pessoal e social, contribuindo de modo qualificado, produtivo e criativo para a organização em que trabalha. Como destacado por Meneghetti (2020), por meio da metodologia FOIL “ensina-se uma técnica de personalidade, entendida como aquele *savoir-faire* que é a inteligência centrada na ação específica de serviço à empresa e em que a pessoa é fundamental e determinante” (Meneghetti, 2020, p. 24).

2.3 CRIATIVIDADE E INOVAÇÃO COM BASE HUMANISTA: OS 7 PONTOS DO EMPREENDEDOR

O presente capítulo foi desenvolvido com base a pesquisa científica e a teoria desenvolvida por Meneghetti e fragmentos de entrevistas da revista Performance Líder, a qual é uma “publicação nacional dedicada a revelar a essência dos grandes líderes [...] conectando a conteúdos que mostram como o estilo de vida, o trabalho e as decisões dos líderes moldam seus resultados” (Performance Líder, 2025). Isto é, apresentando assim questões práticas aplicadas que remetem à teoria apresentada.

Para Meneghetti (2024), o empresário ou o líder é “uma pessoa que constantemente sabe fazer investimento crescente de si mesmo, da sua inteligência, do seu funcionamento, do seu profissionalismo e tem o resultado, o sucesso manifesto” (Meneghetti, 2024, p. 51). Essa definição ultrapassa a noção tradicional de liderança restrita, muitas vezes, na gestão de recursos ou obtenção de lucros, mas coloca em primeiro plano o critério da autorrealização como base funcional para o escopo individual do líder, bem como empresarial e social.

A partir dessa compreensão, Meneghetti (Meneghetti, 2024, p. 55) destaca que para um líder “a primeira tarefa é a autorrealização. O segundo escopo é a funcionalidade de serviço, a disponibilidade para aquilo que serve, para aquilo que se pode, para aquilo no qual se é capaz,

que se demonstrou”, isto é, a capacidade de aplicar o próprio potencial de modo concreto e eficaz também em benefício ao contexto em que se atua, abrangendo e não se limitando à colaboradores, fornecedores e contexto social. A empresária Alcione Albanese comenta que “quando você gera trabalho, você gera dignidade dentro da pessoa. [...] Dignidade não é o que você recebe de doação, mas o que você produz” (Albanese, 2019, p. 60). João Appolinário (Appolinário, 2022, p. 23), no mesmo sentido, diz que “empreender é transformar vidas, a sua, das pessoas que vivem próximas a você e das pessoas que estão empreendendo com você” e finaliza dizendo que empreender é transformar vidas.

Meneghetti (2022) evidencia que “um grande líder, quando desenvolve os seus negócios, desloca bens, interesses, propicia trabalho a centenas de pessoas, estimula a sociedade, revitaliza-a, impõe uma dialética que dá impulso de progresso” (Meneghetti, 2022a, p. 19).

A centralidade da pessoa constitui o ponto de partida para a compreensão da liderança na perspectiva da Ciência Ontopsicológica. Como destaca Meneghetti (2022, p. 19) “falando de líderes, é fundamental, antes de tudo, a pessoa”. Essa máxima indica que a qualificação do líder não se reduz a competências técnicas ou à gestão de recursos, mas exige uma base ontológica que assegure perpassa do conhecimento do potencial natural do indivíduo culminando na racionalidade sobre a intuição, momento este no qual se consolida a capacidade criativa como fundamento de inovação. Esse caminho é descrito por Meneghetti ao formalizar os 7 pontos do empreendedor, apresentando “as coordenadas de sentido, de significado elementar e científico sobre o protagonista líder” (Meneghetti, 2021a, p. 17).

O primeiro ponto é *potencial natural que varia por especificação e intensidade*. Por potencialidade, na ciência ontopsicológica, entende-se “potência ao ato. [...] Energia, força, pulsão, possibilidade de agir, concretizar, definir. Ter capacidade ainda não exercida ou aplicada” (Meneghetti, 2021b, p. 220) isto quer dizer que todo indivíduo nasce com um potencial único e diferenciado dos demais. Esse potencial faz parte do temperamento e da natureza da pessoa, estando relacionado a atividades que ela desenvolve com maior facilidade e naturalidade, ou seja, há um grande estímulo de inteligência quando a está realizando.

O líder, entretanto, por nascimento já possui um potencial diferente dos demais: “ele pode dar mais e é capaz de fazer mais [...]. Esse potencial, porém, ele deve especificar, desenvolver e historicizar” (Meneghetti, 2021a, p. 71). Uma vez que se nasce com esse potencial diferenciado, deve-se trabalhar e construir os meios para que ele seja historicizado com identidade, propiciando que o líder se invente de modo diverso e criativo. Na entrevista para a revista Performance Líder, Renata Fan comenta que “se pensar em lideranças,

empresariais mesmo, [...], são pessoas que sempre tiveram algo a mais. Acredito que você pode aprender aspectos da liderança, mas ser um grande líder é algo que já se tem embutido e se desenvolve” (Fan, 2019, p. 88).

Ainda sobre o potencial natural do líder, Meneghetti (2021a) destaca que

“Em um determinado aspecto, já nasce com a predisposição, com a atitude: tem um dote natural. Depois, por meio da vida e da escola, aprende o ofício. Não é o resultado de uma carreira, mas é uma predisposição de natureza aperfeiçoada por meio da experiência. Portanto, de certo modo, o líder nasce líder, mas também torna-se líder” (Meneghetti, 2021a, p. 21).

Evolução técnico racional em iso com o potencial natural é o segundo ponto trazido pelo autor. O potencial natural apresentado no primeiro ponto deve ser acompanhado de uma evolução técnica racional, de modo em que “a escola, a experiência, a coerência, o sacrifício”, formam o processo pelo qual o potencial de natureza se qualifica e se torna competência objetiva. Conforme destacado por Meneghetti, “essa é uma preparação individualista, é preciso especializar-se no conhecimento da técnica. Depois, o potencial de natureza encontra as coordenadas para chegar em excelência” (Meneghetti, 2021a, p. 71).

Uma vez que se passa a, progressivamente, conhecer e qualificar o próprio core business, o lugar de aprendizado é dentro da empresa. É um processo de aprendizagem com os melhores do seu seguimento, com os chamados artesãos, pois é alguém que “constrói a função, repara-a quando necessário e aperfeiçoa-a” (Meneghetti, 2022a, p. 20).

O terceiro ponto é a *ambição*. “A ambição é a volição, a intencionalidade do ato, o vetor daquele quântico que o sujeito tem dentro de si” (Meneghetti, 2022a, p. 35). Para ser um líder vencedor, junto ao potencial natural e à técnica racional, é imprescindível que se tenha uma ambição e a coragem de pagar um preço diverso dos demais, por ser diverso. Em entrevista, Hortência Marcari (2019) aponta que “muitos não querem pagar o preço, e aí está o porquê que alguns chegam e outros não. Porque alguns fizeram uma escolha, foram coerentes e fiéis, e pagaram o preço. Estamos falando de alto rendimento, aquele que quer ser o melhor. [...] A atitude do verdadeiro campeão é a mesma” (Marcari, 2019, p. 62).

Deve-se ressaltar que não se trata de qualquer ambição, mas de uma ambição definida e proporcional ao real potencial do sujeito. A realização dessa ambição não se reduz a egoísmo ou violência contra os outros, mas constitui-se como um princípio da natureza, que mobiliza o sujeito a agir em direção ao máximo de sua realização (Meneghetti, 2021a, p. 72).

Ainda sobre esse ponto, torna-se imprescindível destacar que de nada vale o potencial natural e a inteligência sem a ambição, pois é ela que dá a direção do caminho e que demonstra

que quanto mais se tem a dar, quanto mais se é capaz, mais deve ser ambicioso, conforme evidencia Meneghetti (2021a, p. 72): “se não há ambição a inteligência é inútil. A vontade está no mesmo nível da inteligência, ou melhor, chega mais alto quem tem maior vontade e não quem é mais inteligente. Frequentemente, aquele que é inteligente não tem vontade e ambição”.

No quarto ponto, o autor trata sobre o *amor pelo próprio trabalho*, compreendido como um amor total, primordial e duradouro pela atividade exercida, “deve gostar dele, deve vive-lo, senti-lo” (Meneghetti, 2021a, p. 72). Mais do que simples motivação, é de nutrir uma sensibilidade de amor que possa sustentar a permanência e a dedicação àquele projeto, conforme destaca por Rony Meisler: “se você não ama, você não aguenta, não persiste na construção daquele projeto” (Rony Meisler, 2018, transcrição de áudio). Assim, o critério fundamental é: amo aquilo que faço? Me agrada? Ainda, a empresária Nathalia Arcuri destaca que “se não tiver algo que é muito maior do que você, como desejo genuíno, motivando você diariamente a sair da cama, não vai dar, porque é difícil e, quanto mais você cresce, mais difícil fica” (Arcuri, 2022, p. 65).

Por consequência, quando o líder ama aquilo que realiza, esse amor transparece na qualidade do produto ou serviço e alcança diretamente o cliente, criando um vínculo de autenticidade que transcende a simples relação de mercado. Conforme destaca Meneghetti (2021a), “o amor sobre o objeto que produz, sobre o objeto que vende, transmitirá a sua semântica de sucesso aos outros: se o líder ama o seu produto, sem dúvida, o vende. O amor do líder pelo seu produto é uma atração: o cliente que vai comprar dele sente-se partícipe de uma liderança” (Meneghetti, 2021a, p. 72). Caso não haja amor, mas mesmo assim se desenvolve, se vende aquele produto, por um curto espaço de tempo pode funcionar, mas não há a manutenção do projeto a longo prazo.

O desenvolvimento simultaneamente desses quatro primeiros pontos – potencial natural, evolução técnica racional, ambição e amor pelo próprio trabalho – configuram uma base sólida para que o líder já possua um determinado sucesso especificado. Isto é, até este ponto, já existe uma tranquilidade econômica, um reconhecimento profissional por parte do mercado e uma perspectiva de futuro, mas ainda não é um máximo sucesso possível, é uma condição intermediária. No caso de ainda não se fazer presente esse sucesso especificado, há uma defasagem em um ou mais dos pontos até o momento apresentado.

Nos próximos três pontos, conhecimento superior específico, transcendência solitária ao utilitarismo funcional e racionalidade sobre a intuição, estão aqueles empresários que são os produtores de civilidade, que qualificam o verdadeiro papel social do empresário. São empresários que ao expandirem suas competências, proporcionam desenvolvimento para si

mesmos, para sua empresa, para os colaboradores e suas famílias, para o território em que estão inseridos e para os clientes que atendem. Trata-se de um patamar em que a ação empreendedora gera inovação de qualidade, constituindo-se como fator de progresso humano e social.

No percurso da maturidade, o líder alcança o quinto ponto: *conhecimento superior específico sobre o seu setor*. Esse conhecimento implica domínio aprofundado do próprio setor, associado à capacidade de planejamento estratégico, formação de pessoas, liderança e inovação. Ele deve possuir o conhecimento do que há de mais atualizado sobre o seu objeto de produção, “sobre o próprio setor, deve ser o máximo especialista” (Meneghetti, 2021a, p. 73), para que assim haja espaço de inovação, expansão e liderança de mercado. Ainda, “se, por acaso, encontra um outro superior a ele, deve, imediatamente, aprender desse para inovar a si mesmo”, isto é, deve ser o estímulo para criar a sua própria obra prima.

O sexto ponto é *transcendência solitária ao utilitarismo funcional*. Utilitarista funcional, conforme Meneghetti (2021b, p. 96), significa que “o seu critério ou ética é a evolução da própria identidade com preciso utilitarismo funcional. [...] implica que uma coisa é boa, inerente a uma individuação, se a identifica e exalta a sua função específica”. Neste ponto, adentra-se em uma questão do estilo de vida do líder, o qual deve ser cultivado de modo em que produza um espaço íntimo de autonomia e liberdade, conforme destaca Roberto Argenta “o empresário precisa se manter sempre bem. Tem a liberdade total, mas deve saber escolher o que é útil e funcional para si” (Argenta, 2017, p. 13).

O líder deve saber se manter solitário em sua racionalidade para, mesmo quando não estiver em sua solitude, continuar orientado por critérios internos, sem submeter-se a modismos ou pressões externas, isto é, que ele esteja em uma situação sem morrer dentro dela (Meneghetti, 2021a, p. 74). Conforme destaca o autor, “deve fundamentar-se na utilidade que está no seu projeto”. Trata-se de uma “transcendência solitária de exclusivo serviço ao progresso, ao útil (o útil especifica-se funcional com base nos cinco primeiros pontos elencados) funcional” (Meneghetti, 2021a, p. 75), que possibilita ao sujeito compreender que “é preciso ter uma humildade verdadeira frente ao ser e saber que, naquilo que você é, você é impulsionado por uma força maior. Quando você está ligado a essa força maior, o sucesso vem (Argenta, 2017, p. 13).

Essa força maior é o próprio projeto de natureza do líder, é o seu Em Si ôntico, isto é, o “princípio ôntico existencial”, o “projeto-base de natureza que o constitui ser humano”, “o critério-base da identidade do indivíduo” (Meneghetti, 2021b, p. 92). Nesse sentido, a empresa é a materialização histórica, concreta, desse projeto de natureza do líder.

O sétimo e último ponto é a *racionalidade sobre a intuição*. A racionalidade é definida por Meneghetti (2021a, p. 76) como o saber prático de qual ação deve ser realizada pelo líder, isto é, se deve falar, com quem deve falar, como deve se mover taticamente, se deve fazer-se conhecer. A intuição é “um *flash* de inteligência que consente ao líder ver onde está o negócio” (Meneghetti, 2021a, p. 76). Assim, a partir da intuição “descobre-se onde se encontra a linha de desvantagem e de sucesso para o líder. [...] Significa ter a capacidade de ver onde se encontra a escolha ótima”. Neste sentido, Meneghetti (2021a, p. 76) destaca:

A parte de nós mesmos que os antigos chamavam de alma cada um a possui como um dom de natureza. É exatamente essa parte que a Ontopsicologia chama Em Si ôntico e que indica o que o líder deve fazer para resolver o problema. É preciso saber lê-la. A Ontopsicologia possui um método que consente individuar e ler em modo exato a racionalidade sobre a intuição do líder.

Conforme destacado por Caito Maia (2021) “a intuição, quanto mais você alimenta, mais ela aflora. É um músculo, vai ficando maior. Testar a sua intuição é fechar os olhos e ir. Vai achar até estranho no começo, mas, quando você começa, pega a confiança” (Maia, 2021, p. 57). Ainda sobre o tema, a empresária Natalia Beauty (2024, p. 30-32) salienta que, para ela, a intuição acontece em três momentos subsequentes, os quais são: primeiro é ouvir o *insight* que veio, depois é ter a confiança naquilo que você sentiu e, por fim, vem a coragem de executá-lo. Por fim, Meneghetti destaca que a seu ver este sétimo ponto é alcançado apenas por duas categorias de pessoas, que são muito raras de serem encontradas: aqueles homens sábios e os grandes ricos (Meneghetti, 2021a, p. 76).

A partir deste ponto da racionalidade sobre a intuição, torna-se possível o desenvolvimento e surgimento da criatividade. Criatividade, conforme Meneghetti (2021b, p. 76) é “produzir algo do nada de si mesmo. Construir uma solução positiva não prevista pelas premissas vistas segundo a lógica corrente. [...] Efetuar um resultado não previsto pela causalidade conhecida”. Ou seja, a criatividade é a manifestação do projeto de natureza do indivíduo, é aquela ideia, aquela ação, aquele movimento que foi colhido pela intuição e atuado na história.

Para o líder que perpassou pelos 7 pontos do empreendedor, a criatividade já é algo intrínseco à sua vida e à sua atuação empresarial, isso porque realizando a leitura da intuição, “possui a capacidade de transformar qualquer situação em um campo de mudança e vantagem. Uma dessas capacidades é a criatividade” (Performance líder, 2024, p. 69), pois independentemente do setor em que atua, o líder é aquele que não se acomoda com o habitual,

mas tem a necessidade e o consequente prazer em inventar, investir e arriscar (Performance líder, 2024, p. 69).

“O líder, a partir da sua inteligência, ultrapassa o estático, a estabilidade, e abre caminho para o diverso possível” (Performance líder, 2024, p. 69), isto é, não se fixa ao que já existe, mas partindo da sua inteligência, partindo da leitura contínua do que é idêntico, útil e funcional para o seu projeto de natureza, para o seu Em si ôntico, abre o caminho para a novidade. Indo além, a sua alma pede para que produza cada vez mais, pois “pelo fato de que têm mais, são condicionados a dar mais, com inteligência e responsabilidade” (Meneghetti, 2022a, p. 29).

Do mesmo modo, quanto mais o líder ganha, “tanto mais é preciso operar com novidade” (Meneghetti, 2022b, p. 107), pois seu Em Si ôntico, dentre as 15 características (Meneghetti, 2010, p. 159), apresenta a oitava que é criativo, ou seja: “é um projeto aberto no fazer-se a si mesmo infinitamente e, cumprida uma *gestalt*, é sempre motivado a uma sucessiva, de todo modo proporcionada, mas superior à precedente” (Meneghetti, 2021b, p. 107). Isso quer dizer que a cada projeto bem-sucedido completado, não se deve apenas ficar celebrando essa conquista, mas sim já pensar no próximo, que deve ser ainda maior, mais gratificante e mais produtor de ganho para todos, conforme destaca o empresário Janguê Diniz (2021) “quando eu crio, eu sonho, quando eu transformo o sonho em realidade eu já começo a sonhar de novo. [...] a gente não pode ficar dormindo sobre nossos louros. Você tem que curtir por um tempo [...] mas você não pode ficar contemplando suas vitórias eternamente senão não vai ter outras” (Diniz, 2021, p. 110).

O percurso delineado por Meneghetti evidencia que a inovação não se dá por meio de uma única ação, mas sim se configura como um processo combinado entre intuição, criatividade e ação. A intuição fornece o primeiro movimento, como um *flash* de inteligência que indica a direção. A criatividade, em seguida, dá forma a esse impulso inicial, traduzindo-o em ações, ideias, soluções originais. Por fim, a inovação ocorre quando o empreendedor articula os meios para materializar essa criatividade na prática, gerando impacto em todo o seu raio de ação. Ou seja, “caminhando lado a lado com o ato criativo, existe nele a habilidade da inovação. Ou seja, é capaz e de pensar e fazer de modo único e singular algo que se transforma em funcionalidade, qualidade e bem-estar para todos” (Performance líder, 2024, p. 69).

Esse movimento evidencia a necessidade do líder se transformar continuamente, ser sempre novo, uma vez que “se você quer ser um gênio, quer ser uma divina proporção, deve ser novo. Aqui se verifica se o campo da criatividade é o seu natural oxigênio: ‘como eu não há ninguém’” (Performance Líder, 2024, p. 70). Portanto, a ação criativa por meio da racionalidade sobre a intuição não é apenas um diferencial competitivo de mercado, mas um critério

ontológico para a realização pessoal do homem, conforme destacado por Meneghetti (2010, p. 493): “a condução do estado de graça, ou capacidade criativa como faculdade de produção de novidade de ser para o sujeito, é aprendida, momento a momento, pelas coordenadas do Eu a priori, que não é nada além do momento reflexivo da ação do Em Si ôntico”.

Assim, a criatividade, quando orientada pela racionalidade sobre a intuição, tem como produto a inovação. Esse processo evidencia que os avanços não são delimitados por meio de capital ou de tecnologia, mas sobretudo da necessidade da formação de líderes capazes de transformar inteligência em ação histórica. É nesse ponto em que se torna fundamental que os ecossistemas de inovação possuam bases humanistas, isto é, que possuam uma metodologia capaz de reunir universidade, empresa, governo e sociedade civil, criando condições reais para que o empreendedor perpassasse pelo processo até vir à tona a criatividade e, principalmente, nascer a inovação. Analisar como instituições de ensino forte participam e estruturam esses ecossistemas é, portanto, compreender como se constrói um modelo de inovação humana, sustentável, competitiva e orientada por valores humanistas.

3 MÉTODO

A presente pesquisa se caracteriza como um estudo teórico qualitativo, de natureza exploratória e descritiva. Busca-se compreender um dos maiores e mais reconhecidos ecossistema de inovação na região Sul do Brasil, analisando suas especificidades, semelhanças e diferenças, em contrapartida à um ecossistema de inovação ainda em fase embrionária mas que, mesmo assim, já apresenta um modelo diferenciado. Destaca-se que, por sua diferença de maturidade, não será realizada uma comparação e sim uma análise isolada de cada um dos ecossistemas.

Para a coleta de dados, optou-se pela pesquisa bibliográfica e documental em fontes disponíveis na internet, incluindo relatórios institucionais, artigos científicos, publicações em sites oficiais e materiais produzidos pelos próprios ecossistemas de inovação. Assim, será possível reunir as informações sobre as práticas, estratégias e resultados dos centros selecionados.

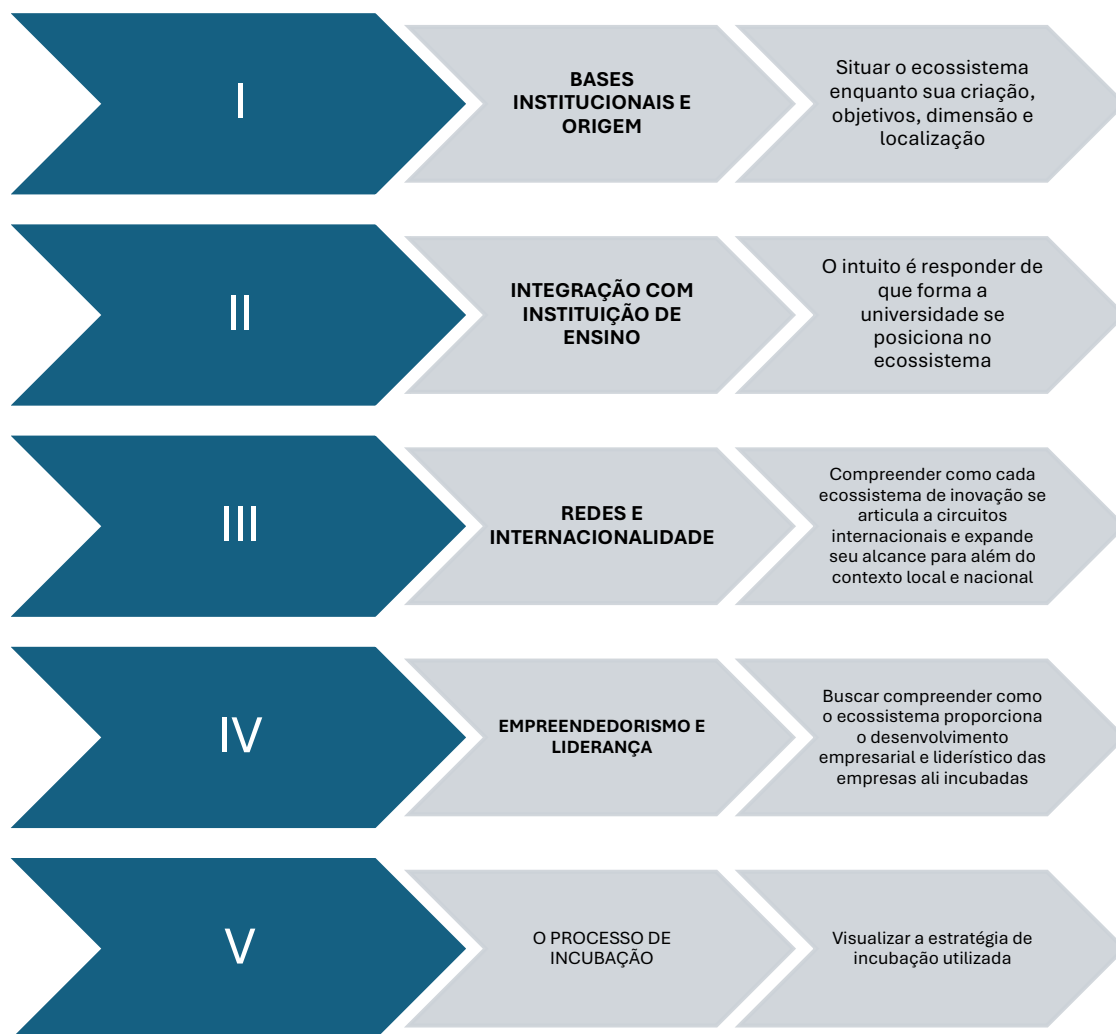
A escolha dos ecossistemas de inovação a serem estudados foi orientada por critério de maturidade regional, e de vínculo com instituições de ensino, o que possibilita uma análise equilibrada. Nesse sentido, foram selecionados dois ecossistemas da região Sul do Brasil: a ACATE (Associação Catarinense de Tecnologia), em Florianópolis, e o InovAMF – Humanismo, negócios e tecnologia vinculado à Faculdade Antonio Meneghetti, em Restinga Sêca, Rio Grande do Sul.

A escolha da ACATE se justifica pelo destaque internacional de Florianópolis como um dos principais polos de startups de médio porte no mundo, conforme o Global Startup Ecosystem Report 2025, com cerca de 25% de sua economia ligada ao setor tecnológico e uma densidade de startups até dez vezes maior que São Paulo. Além disso, desde sua fundação na década de 1980, vinculada à Universidade Federal de Santa Catarina, a ACATE consolidou-se como principal articuladora do empreendedorismo tecnológico catarinense, conectando empresas, governo e academia em favor da inovação.

A escolha do InovAMF, em contrapartida, justifica-se por ainda ser um ecossistema com um ano de atuação e com um forte vínculo à instituição de ensino. o InovAMF será analisado considerando suas singularidades e seu potencial diferencial em relação à ACATE. O objetivo é evidenciar como, mesmo em fase embrionária, o InovAMF propõe uma abordagem distinta, marcada por sua base humanista e pela forte integração entre formação acadêmica, cultura e inovação.

Após a etapa de coleta dos dados, a investigação foi conduzida a partir de categorias previamente definidas a partir a fundamentação teórica, as quais são:

Figura 2 - Categorias de análise dos resultados



Fonte: autora, 2025.

A análise buscou compreender como cada um se organiza atualmente, quais estratégias adota, quais resultados sociais, acadêmicos e econômicos apresentam, e de que forma sua vinculação a instituições de ensino influencia sua prática, pensando ainda se apresentam bases humanistas.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise dos resultados buscou compreender como diferentes ecossistemas de inovação se estruturam e se relacionam com as instituições de ensino que lhes dão sustentação. Para isso, foi selecionado um caso consolidado no Sul do Brasil, que é a Associação Catarinense de Tecnologia (ACATE), em parceria com a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), reconhecido pela maturidade de suas iniciativas e pela contribuição regional. Em contraste, apresenta-se também o InovAMF, vinculado à Antonio Meneghetti Faculdade, como um

projeto em fase embrionária que propõe uma abordagem diferenciada de ecossistema, fundamentada em bases humanistas.

A investigação foi conduzida a partir de categorias previamente definidas a partir a fundamentação teórica e apresentadas no método.

4.1 BASES INSTITUCIONAIS E ORIGEM

A Associação Catarinense de Tecnologia (ACATE) foi fundada em 1986, em Florianópolis, por um grupo de onze empresas pioneiras do setor de informática, telemática e eletrônica. Seu propósito inicial foi criar uma entidade representativa capaz de dar suporte ao setor tecnológico nascente em Santa Catarina, articulando demandas junto ao governo, universidades e sociedade civil. Desde então, a ACATE consolidou-se como a principal representante do empreendedorismo inovador do estado, tornando-se uma Organização Não Governamental que funciona como uma rede de suporte, capacitação e conexão entre empreendedores e instituições.

Um dos pilares institucionais mais relevantes da ACATE é a incubadora MIDITEC, criada há mais de 25 anos e reconhecida três vezes como uma das cinco melhores incubadoras privadas do mundo. Ao longo de sua história, a MIDITEC já contribuiu para a formação de mais de 300 empresas, impulsionando a geração de empregos e a difusão de práticas empreendedoras em todo o estado. Dessa forma, a ACATE demonstra como uma iniciativa surgida da necessidade coletiva de empresários se transformou em uma das maiores referências em inovação e tecnologia da América Latina.

No final do ano de 2024, a entidade reunia mais de 1.850 empresas associadas, com 680 residentes, distribuídas em polos de inovação e tecnologia em diferentes regiões catarinenses (Relatório de atividades ACATE, 2024, p. 56), com 8 polos regionais atuantes, os quais são: ACATE-Floripa, Deatex, Softville, Blusoft, NuTI/ACII, Cetus, Niavi/ACIRS e Orion. No plano local, a ACATE gerencia espaços estratégicos como o Centro de Inovação ACATE Primavera, o CIA Downtown e os centros no Sapiens Parque, todos localizados em Florianópolis/SC, que se tornaram marcos físicos do ecossistema de inovação catarinense.

O InovAMF surge como um ecossistema de inovação vinculado à Fundação Antonio Meneghetti de Pesquisa Científica, Humanista, Cultural e Educacional (FAM) e à Antonio Meneghetti Faculdade (AMF), inaugurado no ano de 2024. Sua criação responde ao objetivo institucional da Fundação de promover a Cultura Humanista segundo os preceitos definidos pela Organização das Nações Unidas (ONU), articulando iniciativas locais e globais. Nesse sentido, o InovAMF se caracteriza como um *locus* de inovação enraizado no território em que

se insere, mas com projeção internacional, voltado a transformar ideias em negócios sustentáveis e socialmente relevantes.

O objetivo central do InovAMF é favorecer a evolução de startups e projetos empreendedores que, ao mesmo tempo em que impulsionam o progresso regional, buscam impactar positivamente mercados globais. Para isso, estrutura-se em ações como programas de incubação, criação de hubs de inovação, promoção de workshops e cursos de capacitação em empreendedorismo e inovação, além de iniciativas em Pesquisa, Desenvolvimento e Inovação (P&D+I). Entre seus objetivos específicos, destacam-se: fomentar a criação de startups, oferecer suporte contínuo para o crescimento e aceleração de negócios, promover a integração entre academia, mercado e setor público, além de estimular a inovação colaborativa por meio de *hackathons*, competições e projetos conjuntos.

Atualmente, completando um ano desde o início de suas atividades, o InovAMF possui 12 empresas incubadas, 2 assessoradas e outras 11 startups já passaram pelas etapas de pré-incubação do InovAMF, totalizando 25 startups já impactadas em menos de um ano, as quais o desenvolvimento é trabalhado semanalmente no programa de incubação. Além das mentorias e do ciclo de desenvolvimento das startups, empresários locais também foram impactados nesses primeiros meses de atuação do InovAMF, totalizando 49 empresas participantes de mentorias pontuais sobre os mais diversos aspectos de gestão. A metodologia propõe que não seja trabalhado apenas o foco no êxito econômico, mas a responsabilidade social e o protagonismo humano como fundamentos para a inovação. Assim, propõe-se a formar pessoas capazes de realizar a si mesmas e seus projetos em consonância com o desenvolvimento social e humano.

Neste primeiro ponto de análise, após apresentação de ambos os ecossistemas, compreende-se que a ACATE nasce de uma necessidade do mercado e se institucionaliza, cresce e se desenvolve enquanto rede tecnológica, possuindo um papel de ligação e conexão entre diversos setores e empresas de determinados ramos. Em contrapartida, o InovAMF nasce de uma ambição educativa e se estrutura como um espaço formativo e humanista, uma vez nascer dentro da Antonio Meneghetti Faculdade e ter como principal pila a figura, quem é o empreendedor por trás daquela empresa.

4.2 INTEGRAÇÃO COM INSTITUIÇÕES DE ENSINO

No ecossistema de inovação de Santa Catarina, a universidade desempenha um papel de parceria estratégica e estruturante, porém não é considerada a protagonista central. Como evidenciam as etapas históricas do ecossistema de Florianópolis, a UFSC desempenhou um papel fundamental no período inicial (1960–1980), contribuindo para a formação de talentos,

consolidação de uma reputação científica e estabelecimento de centros de excelência, como o curso de Engenharia Mecânica e o Laboratório de Vibrações e Acústica. Durante esse tempo, a universidade atuava como o centro de produção de conhecimento que apoiava o crescimento regional, formando profissionais qualificados e estabelecendo um ambiente favorável para o surgimento de empresas de base tecnológica.

No entanto, a partir das décadas seguintes, especialmente com a fundação da ACATE e de sua incubadora MIDITEC, a governança do ecossistema começou a ser exercida de forma mais abrangente, com a universidade assumindo um papel na formação de talentos, condução de pesquisas aplicadas, fornecimento de infraestrutura acadêmica e garantindo uma legitimidade científica. A parceria ACATE Campus, estabelecida entre a associação e a UFSC, fortalece essa função colaborativa: a universidade conecta alunos, docentes e pesquisadores às necessidades apresentadas pelo setor produtivo, enquanto a ACATE mantém a liderança estratégica e a integração das dinâmicas de inovação.

Hoje, a UFSC contribui de forma contínua com a ACATE em diferentes frentes: I) Formação de talentos, sendo a principal fonte de profissionais qualificados para as empresas associadas à ACATE, especialmente nas áreas de engenharia e computação; II) Pesquisa e desenvolvimento, com transferência de tecnologia dos laboratórios para o mercado, em parcerias com empresas do setor; III) Fomento ao empreendedorismo, por meio de programas de incubação e pré-incubação que frequentemente se conectam à estrutura da ACATE, alimentando o surgimento de startups de impacto; IV) Participação em habitats de inovação, como na Rede de Inovação de Florianópolis, que articula universidades, centros de inovação e empresas em torno do desenvolvimento regional; V) Aplicação prática do conhecimento, por meio de cursos e projetos em cooperação com entidades externas, como o curso de inteligência e inovação desenvolvido junto à Academia de Polícia (ACADEPOL).

Apesar de sua relevância na formação, na ciência e no apoio à inovação, a UFSC não assume a liderança estratégica do ecossistema. A ACATE mantém o papel central, conduzindo a integração entre os diferentes participantes e estabelecendo as direções para as dinâmicas de inovação. Desse modo, a universidade se estabelece como uma parceira fundamental e coprodutora de inovação, utilizando conhecimento e talentos que apoiam o processo inovador, porém sem assumir o papel de protagonista exclusivo.

Ao contrário de outros ecossistemas de inovação que se formam a partir da colaboração entre diversos atores institucionais, o InovAMF tem a Antonio Meneghetti Faculdade (AMF) como protagonista principal desde o início. O centro de inovação tem origem na própria universidade e, por isso, está ligado de forma orgânica à sua missão educacional e ao seu projeto

pedagógico. A instituição não adota uma posição secundária ou meramente de apoio; em vez disso, organiza o ecossistema como uma extensão prática de sua proposta acadêmica.

A partir de 2024, cada curso de graduação da AMF começou a criar um Plano de Integração, estabelecendo como estaria continuamente envolvido no InovAMF. Como resultado desse movimento, foram criados centros de consultoria especializada nas áreas de Gestão, Marketing, Jurídico, Tecnologia e Ontopsicologia, organizados e geridos por estudantes com a supervisão de docentes. Os alunos trabalham com diagnósticos empresariais, planos estratégicos e comunicação institucional nos hubs de Gestão e Marketing. O hub Jurídico fornece orientação em assuntos contratuais e regulatórios, capacitando os acadêmicos para enfrentar a complexidade jurídica dos negócios. Por outro lado, o hub de Tecnologia incentiva soluções digitais e iniciativas para o desenvolvimento de sistemas. Por outro lado, o hub de Ontopsicologia utiliza a metodologia científica da AMF para apoiar a formação humana, oferecendo aos empreendedores instrumentos de autoconhecimento e que possibilitem o seu papel de lideranças. Essa estrutura torna o InovAMF um espaço em que teoria e prática se encontram, e o aluno assume um papel de protagonista na tomada de decisões e no desenvolvimento de soluções reais.

Outra iniciativa é a criação de podcasts institucionais, nos quais cada curso possui seu próprio canal para produzir e compartilhar conhecimento. Nessas plataformas, estudantes e docentes conversam com profissionais convidados sobre assuntos de suas áreas, expandindo o alcance do InovAMF além das startups incubadas. Esse formato reforça a conexão com a comunidade, pois o conteúdo alcança uma variedade de públicos, desde estudantes do ensino médio até empresários locais e promove a divulgação científica e acadêmica.

O aspecto metodológico distintivo do InovAMF reside no fato de que ele replica e amplia a lógica pedagógica da própria AMF. O centro é baseado na metodologia FOIL, que combina *hard* e *soft skills* com FOIL skills (competências de si mesmo), direcionando os alunos para o desenvolvimento das quatro autonomias: psicológica, legal, econômica e social. A pedagogia ontopsicológica, que orienta a formação acadêmica da instituição, também embasa a prática no InovAMF: cada atividade permite que os alunos reconheçam sua identidade, aprendam a agir de acordo com seu potencial natural e transformem isso em valor social e econômico.

Dessa forma, o InovAMF vai além de ser apenas um espaço para incubação de negócios; ele se estabelece como um laboratório de formação integral, onde a inovação é resultado direto da prática de protagonismo responsável. Ao combinar técnica, humanismo e aplicabilidade prática, ele se torna um modelo único no país: um ecossistema de inovação no qual a

universidade não só está presente, mas também lidera, orienta e molda o processo inovador, integrando ensino, prática profissional e crescimento regional.

Em suma, a presença das universidades nos ecossistemas de inovação não se restringe a um único modelo, mas se ajusta de acordo com o contexto e a dinâmica de cada região. Em Florianópolis, a UFSC desempenha um papel importante, atuando como parceira fundamental ao fornecer pesquisa, talentos e legitimidade científica para apoiar as iniciativas da ACATE. No InovAMF, a Antonio Meneghetti Faculdade surge como núcleo central do ecossistema, incorporando sua metodologia e missão educacional em todas as iniciativas realizadas. Apesar das diferenças, em ambos os casos fica claro que a universidade é essencial para o florescimento da inovação, tanto ao apoiar iniciativas já estabelecidas quanto ao liderar a criação de novas práticas e oportunidades.

Ao adentrar na integração dos dois ecossistemas com as respectivas instituições de ensino que estão presentes, compreende-se que na ACATE a universidade apoia a inovação pois a UFSC atua como parceira estratégica, formando talentos e incubando startups, porém sem protagonismo na governança do ecossistema, uma vez que é a própria ACATE que coordena a integração entre academia e mercado. No InovAMF, percebe-se que a universidade é a própria inovação uma vez que a Faculdade é o núcleo fundador do ecossistema: cada curso se integra via hubs (Gestão, Jurídico, Tecnologia, Marketing e Ontopsicologia) e a metodologia FOIL e a ciência ontopsicológica orientam toda a prática, de forma em que o caráter formativo se torna o principal eixo articulador da prática empreendedora, unindo ensino e prática.

4.3 REDES E INTERNACIONALIDADE

A Associação Catarinense de Tecnologia (ACATE) vem organizando uma estratégia sólida para colocar o ecossistema de Santa Catarina nos circuitos de inovação nacionais e internacionais. Essa atuação vai além de iniciativas pontuais, integrando uma estratégia institucional para expandir e fortalecer o ecossistema.

Sebrae-SC, Prefeitura de Florianópolis e Microsoft são os parceiros mais importantes e influentes da ACATE no momento. A parceria entre o Hub, Sebrae-SC e Prefeitura do município é mais visível no que diz respeito à capacitação de empreendedores e criação de empresas inovadoras no estado, focando em negócios com potencial para inovação e escalabilidade. Um exemplo disso é o Programa Jornada Startups, realizado em conjunto pelas três instituições. Ainda, a relação com a Microsoft acontece no âmbito de realização de programas, eventos e suporte para as empresas associadas à ACATE, explorando mais as

tecnologias e plataformas da empresa além de cursos e eventos de capacitação técnica para soluções tecnológicas.

A ACATE atua globalmente, com escritórios estratégicos fora do estado e do país. Em São Paulo, mantém um ponto de conexão nacional que liga empresas de Santa Catarina a centros econômicos e investidores do principal centro financeiro do país. No exterior, estabeleceu-se em Boston, integrando-se a um dos principais centros tecnológicos dos Estados Unidos, e abriu uma filial em Toronto, Canadá, que atua como plataforma de suporte à internacionalização de startups e empresas associadas. Esses escritórios atuam como centros de conexão, facilitando o acesso a investidores internacionais, a participação em feiras globais e a inclusão em programas de desenvolvimento mundial. Além disso, o Centro realiza missões internacionais para compartilhar experiências e expandir sua atuação, como ocorreu em 2024, quando realizou missões para os Estados Unidos, Colômbia, Portugal, Inglaterra, Alemanha, Estônia, China, Coreia do Sul e Japão, firmando parcerias com hubs de inovação pelo mundo (Relatório de atividades ACATE 2024, p. 25).

O InovAMF, enquanto iniciativa ainda em fase embrionária, surge em um contexto distinto no cenário dos ecossistemas de inovação, uma vez que tem a internacionalidade como princípio fundamental em sua origem. Esse aspecto é uma consequência direta de sua ligação com a Antonio Meneghetti Faculdade (AMF), que tem a internacionalidade como um dos seus cinco pilares educacionais e mantém acordos de cooperação acadêmica com várias instituições de ensino no exterior.

Dessa forma, embora o InovAMF ainda não conte com parcerias internacionais específicas voltadas ao ecossistema, ele se apoia diretamente nos convênios e acordos já estabelecidos pela AMF. Esses acordos com instituições como Università degli Studi di Torino, Università per Stranieri di Perugia, Instituto de Psicologia e Empreendedorismo (IPP, Ucrânia), Universidade Lusófona do Porto, Universidade Estatal de São Petersburgo, entre outros, garantem que os projetos desenvolvidos no InovAMF tenham uma capacidade de diálogo e interlocução internacional.

Além do aspecto acadêmico, o InovAMF conta com o apoio da Fundação Antonio Meneghetti, que possui caráter consultiva junto ao Conselho Econômico e Social das Nações Unidas (ECOSOC). Essa situação permite que os projetos criados dentro do ecossistema estejam em sintonia com os objetivos globais de cooperação internacional, principalmente no que diz respeito à Agenda 2030 e aos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS). Dessa forma, embora esteja em sua fase inicial, o InovAMF já se apresenta como um centro com perfil

internacional, dedicado a questões globais e à integração entre ciência, inovação e responsabilidade social.

Nesse contexto, nota-se que a ACATE e o InovAMF adotam a internacionalidade como um componente estratégico para o fortalecimento de seus ecossistemas, embora em diferentes níveis de maturidade. Ao passo que a ACATE já estabelece essa presença por meio de escritórios no exterior, missões internacionais e colaborações com grandes corporações globais, o InovAMF se fundamenta em uma base institucional já internacionalizada, que será aprofundada e expandida ao longo dos seus anos. Essa distinção destaca duas abordagens complementares: por um lado, a consolidação de redes internacionais a partir de um crescimento orgânico; por outro, a criação de um ecossistema cuja identidade já está ligada a circuitos globais de formação e cooperação.

Neste terceiro ponto de análise, ACATE expande as redes a partir da maturidade do ecossistema e possui uma conectividade global consolidada, com parcerias com o Sebrae-SC, Prefeitura de Florianópolis e Microsoft, além de possuir escritórios em São Paulo, Boston e Toronto e no ano de 2024 ter realizado missões internacionais para 9 países. O InovAMF nasce dentro de uma rede internacional de ensino e pesquisa, sendo a internacionalidade um dos princípios fundantes pois integra os convênios internacionais da AMF (Itália, Portugal, Ucrânia, Rússia etc.) e o status consultivo da FAM junto ao ECOSOC/ONU e atua alinhado à Agenda 2030 e aos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável da ONU.

4.4 EMPREENDEDORISMO E LIDERANÇA

A ACATE estabelece-se como uma das principais referências no empreendedorismo inovador no Sul do Brasil, estruturando um conjunto de iniciativas que visam formar e consolidar lideranças empresariais. A sua atuação combina acompanhamento sistemático, programas de aceleração e processos de mentoria voltados ao desenvolvimento organizacional e humano das startups associadas.

Um dos instrumentos empregados é o programa de reuniões regulares por segmento de negócios, realizado quinzenalmente. Durante esses encontros, a equipe da ACATE e os empreendedores identificam necessidades específicas, analisam os obstáculos à gestão e debatem estratégias de suporte. Esse tipo de acompanhamento próximo possibilita a criação de uma rede de compartilhamento de experiências entre as empresas encubadas, o que promove um aprendizado coletivo e incentiva a colaboração entre as empresas.

A Jornada Startup, um programa de três meses que combina conteúdo, atividades práticas e orientação especializada, é outro eixo estruturante. Esse trajeto ajuda os

empreendedores a definir seus modelos de negócio, estruturar processos de gestão e desenvolver estratégias de escalabilidade. O programa engloba tanto elementos técnicos, como administração financeira e contábil, quanto aspectos humanos, como liderança de equipes, gerenciamento de tempo e posicionamento de marca.

Ademais, a ACATE oferece mentorias constantes, consultoria em Recursos Humanos, capacitações e desenvolvimento de habilidades. Essas iniciativas visam combinar a dimensão técnica da gestão com o aprimoramento da liderança pessoal, unindo o rendimento empresarial com o crescimento humano do empreendedor. Outra prática comum é o estímulo ao networking, possibilitado por meio de eventos, encontros e interações diárias no hub, que servem como ambientes para a troca de conhecimento e fortalecimento de parcerias estratégicas.

Mais recentemente, a ACATE tem trabalhado na criação de uma plataforma de comunicação unificada, com o propósito de fortalecer a ligação entre os participantes do ecossistema, otimizar o fluxo de informações e intensificar a colaboração entre empresas, mentores e parceiros institucionais. Essa ação reforça a ideia de que o fortalecimento da liderança empreendedora não é um processo isolado, mas parte de um ecossistema que integra acompanhamento técnico, suporte prático e um ambiente colaborativo constante.

O InovAMF, centro de inovação da Antonio Meneghetti Faculdade, já apresenta um objetivo definido: cultivar líderes empreendedores que consigam integrar habilidade técnica e crescimento humano. A lógica de sua atuação se baseia em uma perspectiva holística, que leva em conta o negócio, o ecossistema de empreendedorismo e, por último, o empreendedor como elemento central.

O primeiro nível se concentra no empreendimento, que é entendido como a habilidade de organizar recursos, estruturar processos e estabelecer estratégias operacionais. Esse aspecto assegura que as ideias sejam convertidas em projetos tangíveis, fundamentados em critérios de funcionalidade e sustentabilidade.

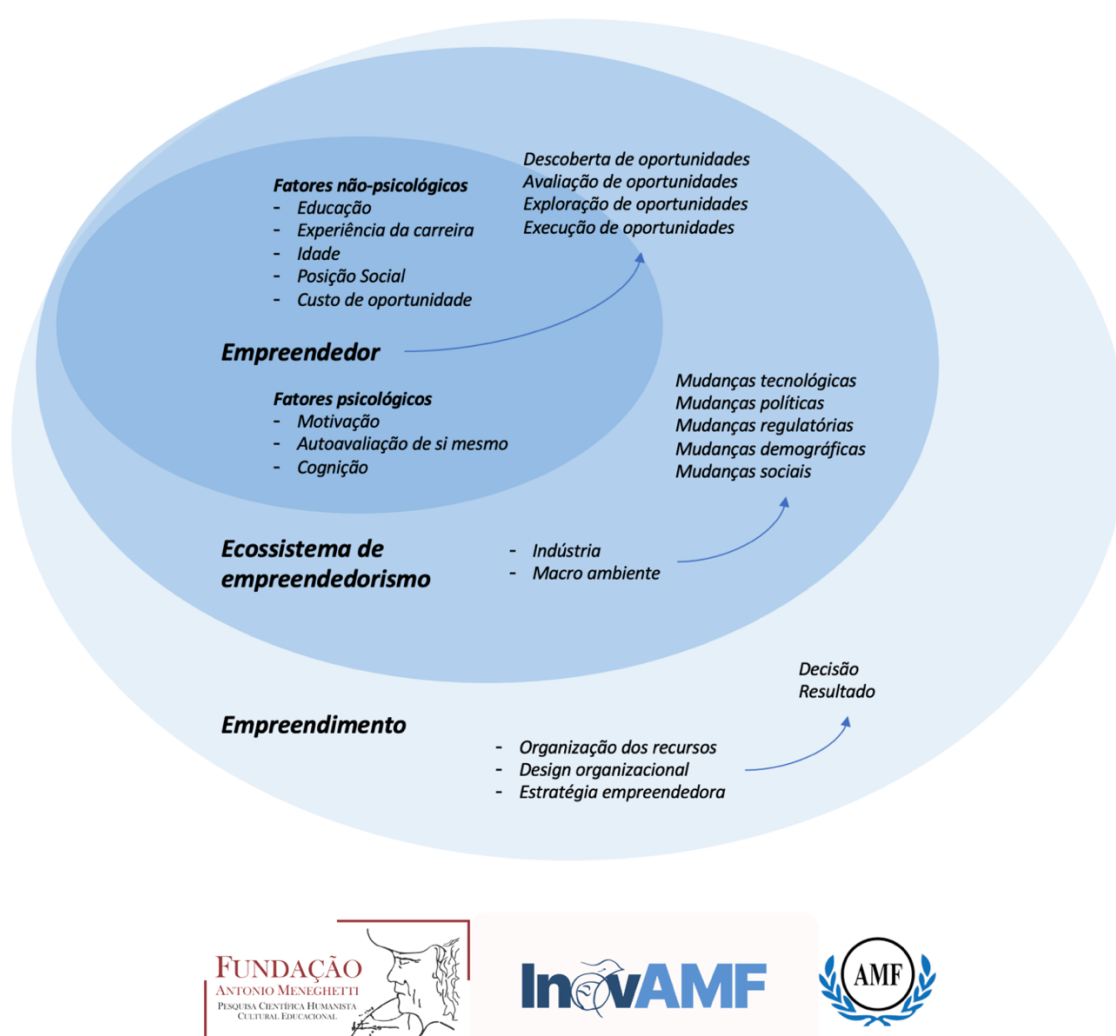
Em seguida, expande-se a perspectiva para o ecossistema do empreendedorismo, onde se encontram as mudanças tecnológicas, políticas, sociais e regulatórias que formam o cenário de negócios. O InovAMF tem como objetivo capacitar estudantes e empreendedores a analisar criticamente essas transformações, prever cenários e converter obstáculos em oportunidades de inovação.

Por fim, o InovAM foca no empreendedor como indivíduo, dando importância tanto aos aspectos psicológicos, como motivação, autoavaliação e cognição, quanto aos aspectos não psicológicos, como experiência, educação, idade e custo de oportunidade. É nesse momento

que se trabalha o cerne do processo: a habilidade de identificar, avaliar, explorar e implementar oportunidades de forma consistente e responsável.

Nesse trajeto, o InovAMF se destaca ao integrar capacitação técnica, análise estratégica do ambiente e desenvolvimento pessoal do empreendedor. Seu propósito vai além de impulsionar negócios; busca também capacitar líderes capazes de criar impacto econômico, social e humano por meio de sua atuação prática. Abaixo, apresenta-se a visão sistêmica da relação dos pontos focais apresentados acima:

Figura 3 – Visão sistêmica da relação empreendimento, ecossistema e empreendedor



Fonte: Documentos institucionais (2025).

Na categoria de empreendedorismo e liderança a ACATE privilegia a competência gerencial e colaborativa, uma vez em que são realizados programas de aceleração, mentorias e reuniões quinzenais por segmento sempre visando a troca e a consolidação de parcerias entre as empresas ali presentes. Ainda, possuí a Jornada Startup, que dura 3 meses mas é mais voltada

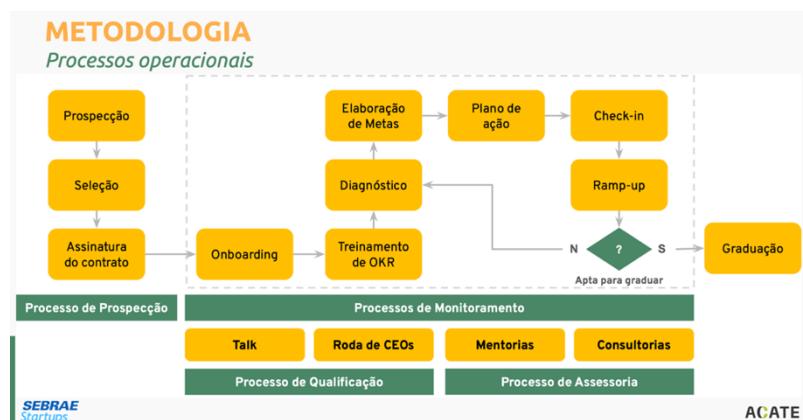
para a liderança organizacional e a gestão das empresas. O InovAMF enfatiza a consciência e o autoconhecimento como fundamentos da liderança empreendedora. A inovação é aqui consequência da maturidade do sujeito, que é trabalhada e desenvolvida no programa de incubação por meio da aplicação dos 7 pontos do empreendedor, apresentado no capítulo anterior. Por meio da estrutura integrada em três níveis (Empreendimento (organização e estratégia); Ecossistema; Empreendedor (psicológico e inconsciente)), trabalha a motivação, a experiência, e a exploração de oportunidades naquele segmento da região inserida.

4.5 O PROCESSO DE INCUBAÇÃO

O processo de incubação na ACATE será apresentado de forma mais detalhada dentro do programa Miditec, estabelecido em 1988 em colaboração com o Sebrae/SC. A missão do programa é “acelerar negócios e desenvolver empreendedores de alto impacto por meio de conhecimento, conexões e cultura de colaboração”. Sua abordagem é reproduzida em 11 incubadoras no estado de Santa Catarina, atendendo diretamente 101 empresas. Na sede localizada no Sapiens Parque, é possível monitorar até 20 empresas ao mesmo tempo. Quando uma empresa alcança o estágio de graduação, abre-se uma vaga para os novos projetos, assegurando uma continuidade do ciclo de inovação.

A abordagem de incubação do Miditec é estruturada em duas etapas principais: prospecção e monitoramento. A fase de prospecção abrange a escolha cuidadosa das empresas, formalização do contrato, integração, capacitação em OKR (Objectives and Key Results), avaliação inicial, definição de objetivos e criação de um plano de ação. O monitoramento se divide em qualificação e assessoria, incluindo as fases de check-ins, ramp-up e avaliação regular da maturidade da empresa. Caso seja necessário, os empreendimentos podem voltar a etapas anteriores do processo para fazer ajustes, o que destaca a natureza dinâmica e adaptativa do programa. A seguir, encontra-se uma representação gráfica do processo mencionado anteriormente:

Figura 4 – Metodologia e processos operacionais da ACATE

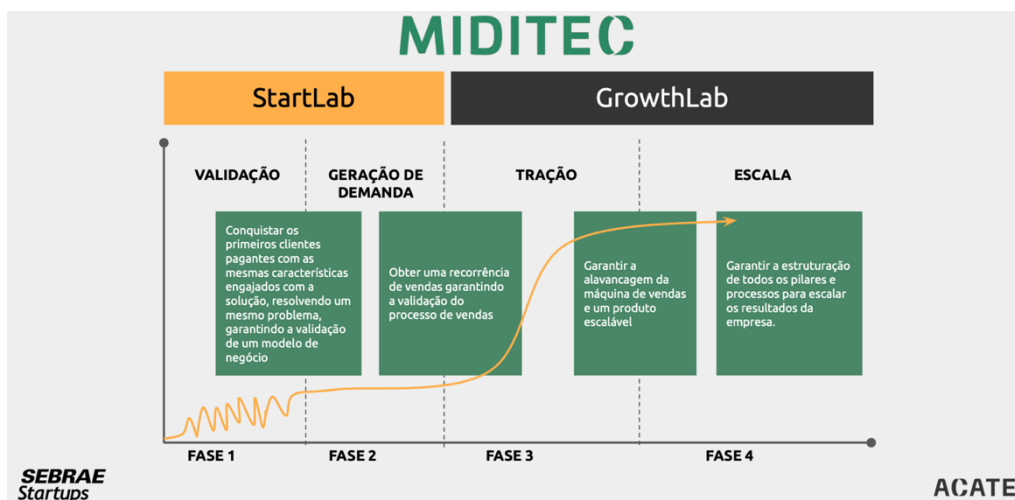


Fonte: ACATE (2024).

As atividades de acompanhamento são organizadas em formatos de Talks, Rodas de CEOs, mentorias e consultorias, todos adaptados às demandas particulares de cada startup. Ainda, o Miditec disponibiliza três programas integrados que possibilitam a formação do empreendedor: o Programa de Alavancagem Comercial, o Programa de Gestão Estratégica e o Programa de Desenvolvimento do Empreendedor. Além de oferecer suporte técnico e gerencial, esses instrumentos promovem a formação de líderes empreendedores, capacitando-os para enfrentar desafios mais complexos no mercado.

Além disso, o crescimento das startups no Miditec ocorre em dois laboratórios: o StartLab, que abrange as etapas de validação e geração de demanda, e o GrowthLab, onde acontece o processo de tração e expansão das empresas. Como ilustrado na imagem a seguir, cada uma delas está relacionada a objetivos específicos de maturidade empresarial, desde a aquisição dos primeiros clientes até a consolidação em grande escala. Um aspecto fundamental é que somente empresas previamente validadas no mercado podem ingressar na incubadora, gerando uma aplicação de recursos mais consistente e com uma maior chance de sucesso.

Figura 5 – Laboratórios e processos de incubação da ACATE



Fonte: Documentos institucionais ACATE (2024).

O processo de incubação do InovAMF foi desenvolvido com base em três pilares essenciais: o empreendedor, o ecossistema de empreendedorismo e o negócio. Essa lógica leva em conta que o desenvolvimento de um negócio inovador não se limita apenas à ideia inicial, mas deve incluir tanto a formação completa do indivíduo que a propõe quanto a avaliação cuidadosa do contexto em que a solução será implementada e, finalmente, a organização sólida da empresa. Dessa forma, a incubação é entendida como um processo que começa com o indivíduo e se estende até a consolidação do negócio, integrando a lógica racional de mercado à lógica intuitiva de cada empreendedor.

O programa é estruturado em quatro etapas principais. A primeira fase é a validação do mercado do negócio, que começa com o mapeamento do ecossistema de atuação, abrangendo fatores do macroambiente, segmentos de clientes e proposta de valor. Para isso, utilizaram-se análises de dados primários e secundários, além de ferramentas como Value Proposition Canvas, análise SWOT e jornada do cliente. Esse diagnóstico possibilitou a verificação da correspondência entre a ideia inicial e uma demanda real do mercado, configurando a primeira triagem dos projetos incubados. Simultaneamente, foram realizadas atividades focadas na dimensão do capital humano, como o mapeamento de perfil e autoconhecimento, empregando ferramentas como DISC reduzido, âncoras de carreira, tipo constitucional e genitura.

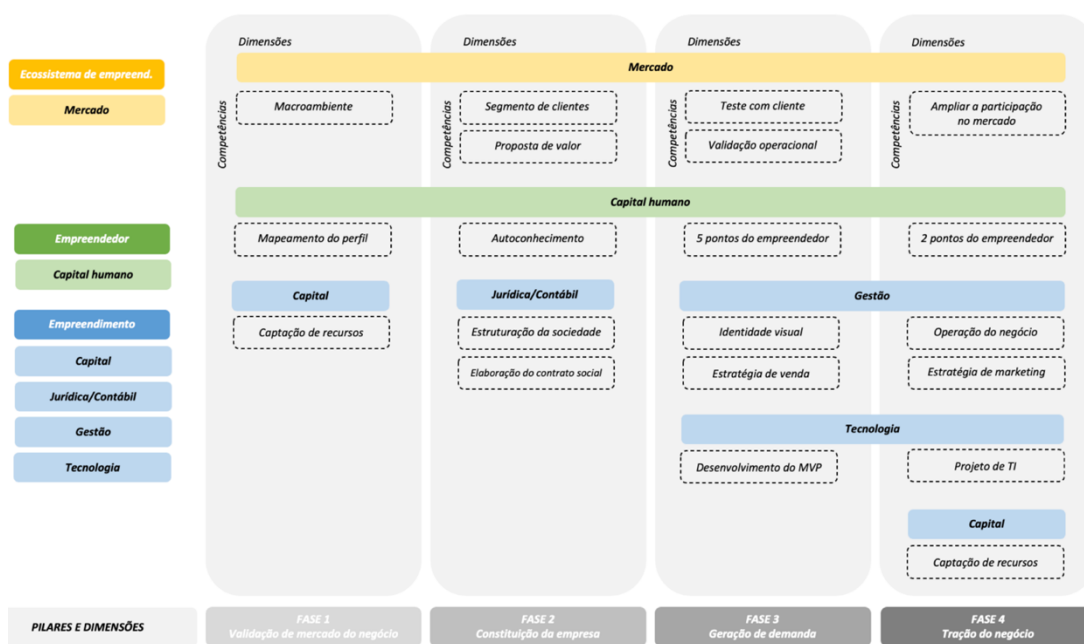
A Fase 2, constituição da empresa, foca nos elementos jurídicos e contábeis. Nesta fase, os projetos com propostas aprovadas foram acompanhados pelo hub jurídico e contábil, que forneceu orientação sobre a estrutura societária, a criação do contrato social e o registro formal da empresa (CNPJ). Essa fase assegura a formalização necessária para o crescimento

sustentável do negócio, além de definir as bases de responsabilidade entre os sócios, bem como a estrutura fiscal e contábil apropriada.

Por outro lado, a Fase 3, ao tratar da geração de demanda e fortalecimento do empreendimento, abrange a introdução real da solução no mercado. Nesse momento, as empresas se dedicam à criação de estratégias de marketing e identidade visual, além de realizarem as primeiras ações comerciais com clientes reais. Ao mesmo tempo, o hub de tecnologia auxilia no diagnóstico e na criação de soluções tecnológicas, acompanhando o ciclo de testes e validação em parceria com o mercado. Nesse estágio, também se aprofunda a dimensão do capital humano, com ações direcionadas aos cinco primeiros pontos do empreendedor (potencial inato, desenvolvimento técnico, ambição, paixão pelo trabalho e conhecimento avançado do setor), conforme sistematizado por Meneghetti (2022).

Por último, a Fase 4 vai olhar para a tração do negócio, visando aumentar a participação no mercado, fortalecer a gestão e procurar fontes de capital para assegurar uma expansão sustentável. Nesta fase, são abordados os dois últimos aspectos do empreendedor (transcendência solitária ao utilitarismo funcional e racionalidade sobre a intuição), que incorporam autoconhecimento profundo, maturidade e habilidade criativa como pilares da inovação. A ideia é que apenas um empreendedor que integrou as dimensões anteriores pode realizar inovações autênticas e competitivas.

Figura 6 – Fases do processo de incubação do InovAMF



Assim, o processo de incubação do InovAMF é definido por sua estrutura pedagógica unificada, que liga análise de mercado, formalização jurídica, desenvolvimento tecnológico, estratégias de gestão e capital humano. Além de incentivar a criação de empresas, procura capacitar empreendedores que tenham consciência de seu papel e estejam prontos para gerar efeitos econômicos e sociais em suas comunidades.

Além das 4 fases apresentadas o InovAMF tem um programa de desenvolvimento de jovens empreendedores em colaboração com o Hub de Ontopsicologia. Isso adiciona uma dimensão única ao processo de incubação, pois incorpora a base psíquico-ontológica na formação do líder. Em vez de se restringir ao treinamento de habilidades instrumentais ou ao treinamento técnico, a proposta visa educar o indivíduo com base em sua própria identidade natural, facilitando a transição do potencial latente para a competência competitiva. Essa abordagem entende que a verdadeira inovação não surge de modelos externos, mas da combinação entre autoconhecimento, ação prática e modelagem com padrões de excelência.

O primeiro pilar, o autoconhecimento, faz com que o jovem enfrente sua própria estrutura pessoal. Este é um processo que requer a verificação da congruência entre o Eu lógico-histórico e o Em Si ôntico, expondo tanto as inclinações naturais quanto as deflexões que alteram a percepção da realidade. Por meio de métodos de diagnóstico e ferramentas projetivas, o empreendedor aprende a identificar sua própria mentalidade, bem como suas habilidades e limitações. O segundo pilar, as práticas de liderança, realiza a prática do autoconhecimento em comportamento social e empresarial. O empreendedor é colocado em cenários de gestão, onde precisa liderar equipes, negociar interesses, fazer escolhas rápidas e garantir que haja consistência entre o que se pretende e o que se alcança.

O terceiro pilar, o desenvolvimento de lideranças, apresenta a conexão especular com empresários estabelecidos. Através de mentorias, consultorias e orientações estratégicas, o jovem empreendedor compara sua prática com a vivência de líderes experientes, absorvendo a lógica que fundamenta grandes realizações. Esse espelhamento não se trata de imitação, mas de aprendizado por contato: a exemplaridade do outro atua como um incentivo para que o indivíduo comece a descobrir seu próprio critério para percorrer os 7 pontos do empreendedor.

Dessa forma, o programa não só capacita empreendedores, mas também garante que eles sejam protagonistas, capazes de criar inovações que sejam tecnicamente sólidas e socialmente conscientes. O InovAMF se destaca por sua abordagem centrada no indivíduo, enfatizando que não há inovação sem a centralidade da pessoa, isto é, um sujeito que age de

acordo com a lógica do Em Si ôntico pode desenvolver soluções novas, sustentáveis e eficazes para a sociedade.

Ao olharmos para o processo de incubação dos dois ecossistemas apresentados, compreende-se que O processo da ACATE é técnico e consolidado, centrado na eficiência e escalabilidade do negócio, pois apenas são incubados empresas já validadas no mercado. Por meio do MIDITEC, olha-se para a metodologia de prospecção e monitoramento; programas de gestão e empreendedorismo; Labs (StartLab e GrowthLab). Em contrapartida, o processo do InovAMF é pedagógico e ontopsicológico, centrado no desenvolvimento integral do empreendedor. Por meio do programa de 4 fases (I-validação de mercado; II-constituição jurídica; III-geração de demanda; IV-tração e capitalização), com a integração dos hubs de apoio e o programa de desenvolvimento de jovens empreendedores, o InovAMF vai trabalhar a empresa e, principalmente, a figura do empreendedor.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo teve como objetivo examinar como instituições de ensino de destaque podem fomentar e desenvolver ecossistemas de inovação capazes de produzir ganho para a sociedade, utilizando como referência um caso consolidado no Sul do Brasil, a ACATE (Florianópolis/SC), e analisá-lo com a experiência do InovAMF no Rio Grande do Sul. A seleção desses centros de inovação baseia-se em sua importância regional e conexão com instituições de ensino, possibilitando a análise de como a educação se integra à geração de inovação.

Durante a fundamentação teórica, enfatizou-se que os ecossistemas de inovação não devem se restringir apenas à disponibilização de infraestrutura tecnológica ou ao fomento do empreendedorismo. Em vez disso, devem ser reconhecidos como redes complexas que englobam universidades, jovens, empresas, empresários, cultural, governo e sociedade civil, com o objetivo de promover um progresso local conjunto. Em todos os casos, a universidade é essencial como promotora de conhecimento, pesquisa aplicada e formação de talentos, podendo atuar tanto como um agente central quanto como um parceiro estratégico.

A análise dos ecossistemas investigados evidenciou diferenças estruturais em suas origens e fundamentos institucionais de modo em que a ACATE constitui-se a partir de uma demanda do próprio mercado tecnológico e o InovAMF assume como eixo central o desenvolvimento do sujeito que empreende, compreendendo que a inovação é consequência direta da maturação pessoal de quem a realiza. No que se refere à integração com instituições de ensino e à inserção em redes nacionais e internacionais, os resultados indicam modelos

distintos de atuação. Na ACATE, a universidade exerce papel estratégico de apoio, sobretudo na formação de talentos e na pesquisa aplicada, e no InovAMF, a universidade configura-se como o núcleo estruturante da inovação: os cursos se integram por meio de hubs especializados e toda a prática empreendedora é orientada pela metodologia FOIL e pela ciência ontopsicológica.

Além disso, enquanto a ACATE amplia sua internacionalização a partir da maturidade do ecossistema, o InovAMF nasce inserido em uma lógica internacional, apoiando-se nos convênios acadêmicos da AMF. Por fim, ao analisar os processos de incubação e de formação empreendedora, constata-se que a ACATE opera a partir de um modelo técnico consolidado, centrado na eficiência, na validação prévia dos negócios e na escalabilidade das empresas incubadas. O InovAMF, por sua vez, desenvolve um processo pedagógico e ontopsicológico, estruturado em fases que integram mercado, formalização jurídica, tecnologia, gestão e, sobretudo, o desenvolvimento integral do empreendedor.

Dessa forma, o principal resultado deste estudo indica que, no InovAMF, diferentemente do modelo observado na ACATE, a ênfase recai sobre a mentalidade empreendedora e liderística dos participantes, entendida como condição fundamental para que os avanços tecnológicos sejam conduzidos em bases humanistas. A inovação, nesse contexto, não é concebida apenas como resposta a estímulos externos ou demandas de mercado, mas como expressão de um processo interno de formação, amadurecimento e autoconstrução do sujeito.

O presente estudo apresentou enquanto limitações as informações acerca dos ecossistemas de inovação, se restringindo ao quanto apresentado em documentos, relatórios e sites oficiais e à limitada análise de dois ecossistemas de inovação. Para a continuidade do estudo, deixa-se de sugestão fazer a análise detalhada de mais ecossistemas de inovação, com ligações diretas às instituições de ensino e também em novos recortes temporais, havendo a possibilidade de aumento das categorias de análise.

Por fim, destaca-se que a articulação entre os cinco pilares formativos da Antonio Meneghetti Faculdade, a metodologia FOIL e os sete pontos do empreendedor constitui uma base consistente para a compreensão dos processos de criatividade e inovação. Nesse modelo, a inovação não é compreendida como mera adaptação a estímulos externos ou reprodução de soluções já existentes, mas como resultado de um movimento interno do sujeito, que parte de sua identidade, de seu potencial natural e de seu processo contínuo de autoconstrução. Trata-se de uma lógica em que o empreendimento emerge como expressão de um projeto único, construído a partir de critérios internos e individuais, a partir do seu próprio projeto de natureza.

Embora esse percurso apresente, em um primeiro momento, um ritmo mais lento quando comparado a modelos centrados exclusivamente na eficiência técnica, ele se revela mais sólido e duradouro, justamente por se desenvolver a partir de uma inquietação interna genuína daquela pessoa, que é exclusivamente dela.

REFERÊNCIAS

ABMES. Enquanto 62% dos recém-formados se sentem preparados para o mercado de trabalho, apenas 39% dos empregadores têm a mesma percepção. 2021. Disponível em: <https://abmes.org.br/noticias/detalhe/4346>. Acesso em: 02 set. 2025.

ALBANESE, Alcione. O dom de transformar vidas. *In: Revista Performance Lider*. p. 45-54, n. 21. Recanto Maestro: Associação Brasileira de Ontopsicologia, 2019.

ANDION, C.; ALPERSTEDT, G. D.; GRAEFF, J. F. Social innovation ecosystems, sustainability, and democratic experimentation: a study in Florianopolis, Brazil. 2020. *Revista de Administração Pública*, 54, 181–200. doi:<https://doi.org/10.1590/0034-761220180418x>.

APPOLINÁRIO, João. Empreender é transformar vidas. *In: Revista Performance Lider*. p. 11-23, n. 28. Recanto Maestro: Associação Brasileira de Ontopsicologia, 2022.

ARCURI, Nathália. Na cara e na coragem... a ousadia da transformação! *In: Revista Performance Lider*. p. 63-75, n. 28. Recanto Maestro: Associação Brasileira de Ontopsicologia, 2022.

ARGENTA, Roberto. Viver para Ser, *In: Revista Performance Lider*. p. 7-16, n. 19. Recanto Maestro: Associação Brasileira de Ontopsicologia, 2017.

ASSOCIAÇÃO CATARINENSE DE TECNOLOGIA. Relatório de atividades ACATE 2024. Disponível em: <https://www.acate.com.br/institucional/#relatorio-de-atividades>. Acesso em: 22 set. 2025.

BARTH, Thorsten D.; CAMPBELL, David F. J.; CARAYANNIS, Elias G; GARCIA, Julio Cesar. O modelo de Inovação da Hélice Quintupla: o aquecimento global como desafio e motor da inovação. *Revista Direito, Inovação e Regulações*, Cascavel/PR, v. 1 n. 2, p. 89-111, 2022. DOI: 10.1186/2192-5372-1-2. Disponível em: <https://periodicos.univel.br/ojs/index.php/redir/article/view/178>. Acesso em: 10 ago. 2025.

BEAUTY, Natalia. Autenticidade e atitude para construir um império. *In: Revista Performance Lider*. p. 25-34, n. 34. Recanto Maestro: Associação Brasileira de Ontopsicologia, 2024.

CASSIOLATO, J. E.; LASTRES, H. M. M. Sistemas de inovação e desenvolvimento: as implicações de políticas. *São Paulo em Perspectiva*, v. 19, n. 1, p. 34-35, jan. 2005. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/spp/a/9V95npxV66Yg8vPJTpHfYh/?format=html&lang=pt>. Acesso em: 15 ago. 2025.

- COÊLHO, Luciana Lindoso. A influência dos Centros de Inovação no Desenvolvimento Regional: estudo de caso sobre o impacto do centro de inovação Black Swan em São Luis. 2024. Disponível em: <https://monografias.ufma.br/jspui/bitstream/123456789/8408/1/LucianaCo%c3%aalho.pdf#page=18.10>. Acesso em: 20 ago. 2025.
- CORREIA, S. É. N.; GOMEZ, C. R. P.; OLIVEIRA, V. M.. Inovações sociais e seus níveis de análise: O caso Patac–Pb. *Gestão e Desenvolvimento*, 15(2), 157-180. 2018. <https://doi.org/10.25112/rgd.v15i2.1544>.
- DINIZ, Janguiê. *In: Revista Performance Lider. Edição especial 15 anos. Recanto Maestro: Associação Brasileira de Ontopsicologia*, 2021.
- ETZKOWITZ, H. ZHOU, C. Hélice Tríplice: inovação e empreendedorismo universidade-indústria-governo. *Revista Estudos Avançados*, v. 31, n. 90, p. 23-48, 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ea/a/4gMzWdcjVXCMp5XyNbGYDMQ/?la>. Acesso em: 08 ago. 2025.
- FACULDADE ANTONIO MENEGHETTI, 2025. Disponível em: <https://www2.faculdadeam.edu.br/>. Acesso em: 15 set. 2025.
- FAN, Renata. Beleza, inteligência, personalidade. *In: Revista Performance Lider*. p. 79-88, n. 21. *Recanto Maestro: Associação Brasileira de Ontopsicologia*, 2019.
- FROGERI, Rodrigo Franklin; PORTUGAL, Pedro dos Santos; SILVA, Herlan Carlos. Interação universidade-empresa para o desenvolvimento regional: análise de um hub de inovação sul mineiro. *Entrepreneurship*, v.6, n.1, p.36-47, 2022. DOI: 10.6008/CBPC2595-4318.2022.001.0004. Disponível em: <https://www.sustenere.inf.br/index.php/entrepreneurship/article/view/7926/4460/>. Acesso em: 15 ago. 2025.
- GANZERT, Christian Carvalho; MARTINELLI, Dante Pinheiro. Transferência de Conhecimento em Sistemas Regionais de Inovação: a Perspectiva do Caso do Vale do Silício Californiano. *Interações (Campo Grande)*, v. 10, n. 2. 2009. p. 149-158. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/inter/a/zByg7HspzSrvRpJxMtGpB8z/?format=html&lang=pt>. Acesso em: 08 ago. 2025.
- GRITTI, N. H. S.; NETO, V. C.; SILVA, B. X. F. SOFT SKILLS: rumo ao sucesso no mundo profissional. *Revista Interface Tecnológica, Taquaritinga, SP*, v. 17, n. 1, p. 829–842, 2020. DOI: 10.31510/infa.v17i1.797. Disponível em: <https://revista.fatectq.edu.br/interfacetecnologica/article/view/797>. Acesso em: 02 set. 2025.
- GUZMAN, Jorge; MURRAY, Fiona; STERN, Scott; WILLIAMS, Heidi L. Accelerating Innovation Ecosystems: the promise and challenges of regional innovation engines. NBER Working Paper Series. 2023. Disponível em: https://www.nber.org/system/files/working_papers/w31541/w31541.pdf. Acesso em: 15 ago. 2025.
- HOFFMAN, G. O futuro da educação. Exposição oral. *In: IV Congresso Internacional Uma*

LEISTER, W. et al. Strengthening Engagement in Science Understanding with Learning Trails. *Multimodal Technologies and Interaction*. v. 3, n. 3, 2019. Disponível em: <https://www.mdpi.com/2414-4088/3/3/48>. Acesso em: 7 set. 2025.

LOPES, P.; LIMA, G. A. Estratégias de Organização, Representação e Gestão de Trilhas de Aprendizagem: uma revisão sistemática de literatura. *Perspectivas em Ciência da Informação*. v. 24, n. 2, p. 165-195, abr./jun. 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pci/a/9sY8wHY966VgpqJppyLT5Md/?lang=pt>. Acesso em: 7 set. 2025.

MACKE, Janaina; MIRI, Daniel Hank. Ecossistema de Inovação e Teoria das Trocas Sociais: uma revisão sistemática da literatura. *REAd. Revista Eletrônica de Administração* (Porto Alegre), v. 30, n. 2, p. 1011-1041, 2024. DOI: 10.1590/1413-2311.404.133325. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/read/a/4hHjMgLn79Wf3ywtYZc5JMq/>. Acesso em: 11 ago. 2025.

MAIA, Caio. Pimenta nos negócios e na vida. *In: Revista Performance Lider*. p. 49 - 61, n. 25. Recanto Maestro: Associação Brasileira de Ontopsicologia, 2021.

MARCARI, Hortência. A psicologia da vitória. *In: Revista Performance Lider*. p. 59-67, n. 21. Recanto Maestro: Associação Brasileira de Ontopsicologia, 2019.

MARINO, Leonardo Freire. A falência do modelo escolar tradicional e a necessária construção de uma educação integral e comunitária. *Revista Giramundo: Rio de Janeiro*, v. 5, n. 10. P. 19-30. 2018. Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/Leonardo-Marino-2/publication/343431526_A_FALENCIA_DO_MODELO_ESCOLAR_TRADICIONAL_E_A_NECESSARIA_CONSTRUCAO_DE_UMA_EDUCACAO_INTEGRAL_E_COMUNITARIA/links/5f29c311299bf13404a2358d/A-falencia-do-modelo-escolar-tradicional-e-a-necessaria-construcao-de-uma-educacao-integral-e-comunitaria.pdf. Acesso em: 30 ago. 2025.

MARQUES, Rodrigo Moreno. Intelecto geral e polarização do conhecimento na era da informação: o Vale do Silício como exemplo. Disponível em: <http://hdl.handle.net/1843/BUOS-9MBK8V>. Acesso em: 09 ago. 2025.

MATOS, Guilherme Paraol; PIQUÉ, Josep Miguel; SOUZA, Rayse Kiane; TEIXEIRA, Clarissa Stefani. Boas práticas e sugestões para o desenvolvimento de ecossistemas regionais de inovação. *Gestão de conhecimento e inovação empresarial*, Universidade de Aveiro. 2020. Disponível em: https://via.ufsc.br/wp-content/uploads/Artigo-Publicado-AVEIRO-CeNTER_Conferencia-de-Encerramento_Livro-de-Atas.pdf. Acesso em: 11 ago. 2025

MATOS, Guilherme Paraol; PIQUÉ, Josep Miguel; TEIXEIRA, Clarissa Stefani. Ecossistemas regionais de inovação: uma revisão integrativa. 2019. Disponível em: https://via.ufsc.br/wp-content/uploads/2019/08/Ecossistemas-regionais-de-inovacao_Anprotec-2019.pdf?utm_source=chatgpt.com. Acesso em: 20 de ago. de 2025.

MEISLER, Rony. Documentário Cultura Empresarial, 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=z5DziQMT0Go>. Acesso em: 15 set. 2025.

MENEGHETTI, A. Antonio Meneghetti sobre... Aos novos líderes do futuro / Antonio Meneghetti su... Ai nuovi leader del futuro. Recanto Maestro: Fundação Antonio Meneghetti, 2022b (edição bilíngue italiano-português).

_____. A psicologia do líder. 6. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2021a.

_____. Dicionário de Ontopsicologia. 5. ed. Ontopsicológica Editora Universitária, Recanto Maestro, 2021b.

_____. Manual de Ontopsicologia. 4. ed. Ontopsicológica Editora Universitária, Recanto Maestro, 2010.

_____. OntoArte: o Em Si da arte. Ontopsicológica Editora Universitária, Recanto Maestro, 2003.

_____. Pedagogia Ontopsicológica. 6 ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2019.

_____. Projeto líder: a inteligência empresarial na ótica de Antonio Meneghetti. Recanto Maestro: Fundação Antonio Meneghetti, 2022a.

_____. Psicologia Empresarial. 2 ed. Recanto Maestro: FOIL, 2020.

MINEIRO, Andréa Ap da Costa; SOUZA, Donizete Leandro; VIEIRA, Kelly Carvalho; CASTRO, Cleber Carvalho; DE BRITO, Mozar José. DA HÉLICE TRÍPLICE A QUÍNTUPLA: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA. Revista Economia & Gestão (Belo Horizonte), v. 18, n. 51, p. 77–93, 2019. DOI: 10.5752/P.1984-6606.2018v18n51p77-93. Disponível em: <https://periodicos.pucminas.br/economiaegestao/article/view/17645>. Acesso em: 10 ago. 2025.

Nova Pedagogia Para a Sociedade Futura: Formação & Tecnologia Humana. 2021. PERFORMANCE LÍDER. O modo de ação do empresário vencedor: simples, funcional, inovador. p. 67-74, n. 34. Recanto Maestro: Associação Brasileira de Ontopsicologia, 2024.

PINTO, Francisco Roberto; REINALDO, Cristiano Melo. Ecossistema de Inovação Social: uma revisão sistemática. Boletim da Conjuntura (Boa Vista), v. 16, n. 48. 2023. p. 580-604. Disponível em: <https://revista.ioles.com.br/boca/index.php/revista/article/view/2966>. Acesso em: 08 ago. 2025.

SCHAEFER, Ricardo; SILVA, Breno Prado; WAZLAWICK, Patrícia. O passo adiante das *hard* e *soft skills*: a novidade da FOIL na formação universitária. Revista Brasileira de Ontopsicologia, v. 2, n. 2, p. 39-56, out. 2022. Disponível em: <https://revbo.emnuvens.com.br/revbo/article/view/41/56>. Acesso em: 02 set. 2025.

SCHAEFER, Ricardo; WAZLAWICK, Patrícia. Metodologias Ativas e Formação Empreendedora e de Liderança Para Jovens Universitários: a contribuição da metodologia foil. Revista Interdisciplinar Científica Aplicada, Blumenau, V.14, nº 3, p. 19-41 TRI III 2020. ISSN 1980-7031. Disponível em:

<https://portaldeperiodicos.animaeducacao.com.br/index.php/rica/article/view/18017/11798>. Acesso em: 28 ago. 2025.

SCHAEFFER, P. R.; GUERRERO, M.; FISCHER, B. B. Mutualism in ecosystems of innovation and entrepreneurship: A bidirectional perspective on universities' linkages. *Journal of Business Research* v. 134, p. 184-197, 2021. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0148296321003684>. Acesso em: 15 ago. 2025.

STARTUP GENOME. Global Startup Ecosystem Report 2025. Disponível em: <https://startupgenome.com/report/gser2025/global-startup-ecosystem-ranking-2025-top-40>. Acesso em: 11 ago. 2025.

TORANZO, Bruno. De “Startup nation”, Israel caminha para se tornar uma “scale-up nation”. *Inspere*. 2022. Disponível em: https://www.insper.edu.br/pt/noticias/2022/8/de--startup-nation--israel-caminha-para-se-tornar-uma--scale-up?utm_source=chatgpt.com. Acesso em: 11 ago. 2025.